

Lêgerîn

Número 13

janeiro - março 2024

**“Insistir no socialismo é
insistir na humanidade”**

Forjar a unidade dos jovens em todo o mundo



Caros camaradas,

Nota editoriale

Todas as semanas, em todo o mundo, podemos assistir ao surgimento de novos conflitos, além do preocupante desenvolvimento das guerras existentes: a tentativa da Venezuela de anexar a Guiana, a guerra civil no Sudão, o estado de emergência militar no Equador... Nesta terceira guerra mundial, o Médio Oriente ainda parece ser o ponto focal do conflito. A guerra genocida travada contra o povo palestino continua a aumentar, enquanto as forças israelitas oficializam a sua intenção de alargar as suas operações terrestres ao Líbano. Ao mesmo tempo, uma coligação internacional de potências ocidentais lançou o seu primeiro grande ataque militar contra o Iêmen, anunciado como resposta às recentes ações dos Houthis no Mar Vermelho.

Face a estes desenvolvimentos, a solução permanece a mesma: insistir numa alternativa democrática, desenvolvendo o internacionalismo revolucionário dos povos! No momento em que esta edição vai para a imprensa, terão passado exatamente 25 anos desde que Abdullah Öcalan foi preso na ilha-prisão de Imrali. A conspiração internacional que levou à sua prisão deve ser entendida como uma aliança das forças da modernidade capitalista contra o desenvolvimento do socialismo democrático que estava a ocorrer no seio do movimento curdo, que renova a possibilidade de um ideal socialista para o século XXI.

Nada menos que 30 estados-nação diferentes estiveram envolvidos na criação desta conspiração! Apesar das suas contradições e conflitos, estes Estados concordaram em tentar pôr fim ao que consideravam uma ameaça à sua própria existência.

Hoje, é claro que esta tentativa de reprimir o movimento de libertação falhou. Dia após dia, a administração no norte e no leste da Síria continua a desenvolver o projecto revolucionário, apesar dos ataques implacáveis do estado fascista turco. Nas montanhas livres do Curdistão, os camaradas guerrilheiros levam a cabo numerosas ações decisivas contra os ocupantes, desafiando a suposta invencibilidade do segundo maior exército da NATO. Embora Abdullah Öcalan continue preso fisicamente, as suas ideias estão a ser espalhadas por todo o mundo. A campanha "Liberdade para Öcalan, uma solução política para a questão curda", que começou em Outubro de 2023, não só reuniu centenas de organizações de diferentes continentes numa exigência comum pela sua libertação, mas também fortaleceu enormemente a internacionalização do paradigma.

Após a segunda conferência da juventude do Médio Oriente, realizada em 2019 em Kobanê, a primeira conferência mundial da juventude teve lugar em Paris, de 3 a 5 de novembro de 2023. Reunindo 350 jovens de mais de 90 organizações diferentes, este evento também foi parte de uma ofensiva contra a tentativa de abafar as ideias apresentadas por Öcalan.

Nesta edição, centramo-nos neste encontro histórico e damos voz às diversas organizações que estiveram presentes na conferência, a fim de partilharem os seus pensamentos e levarem a sua mensagem à juventude de todo o mundo. De Myanmar ao Quênia, do Baluchistão à Ilha da Reunião, esperamos desta forma partilhar convosco uma parte da esperança revolucionária que foi criada durante estes três dias!

Finalmente, esta edição é dedicada a ş. bişeng brûsk e ş. sara hogir riha, membros do komalên jinên ciwan que desempenharam um papel de liderança no desenvolvimento do confederalismo mundial de mulheres jovens e que caíram martirizadas juntas em 28 de julho de 2023 como resultado de um ataque aéreo turco. Şehîd Namirin!

Unidos e jovens venceremos!





Índice.

Nota editoriale	2	“Os jovens podem mudar o mundo se unirem forças, vontade e crença”	29
Socialismo e a solução universal desenvolvida no PKK	4	Komalen Ciwan	
Abdullah Öcalan		“Criar dois, três... muitos Vietnames” - A Primeira Conferência Tricontinental de 1966	32
O Confederalismo Mundial Democrático da Juventude como resposta aos problemas da juventude	6	Olegario Hêvî	
Internationalist Youth Perspective		A todos os honoráveis revolucionários de Mianmar	35
Chegou a hora de uma nova ofensiva!	12	Comando Geral do YPG e YPJ	
Perspectiva das mulheres jovens internacionalistas		Os mártires abrem o caminho – De Bristol a Rojava, Anna vive	38
Primeira Conferência Mundial da Juventude	17	David Hampton	
Youth Writing History		Cada geração deve descobrir sua missão – Em memória de Frantz Fanon	41
Do Baluchistão para todo o mundo: forjando a unidade entre os oprimidos	20	Ka-Ubuntu	
Abdullah Abbas		Juventude Internacionalista em Ação	44
Navegando no caminho para a solidariedade global: Reflexões sobre a Conferência Mundial da Juventude realizada em Paris, França	22	O que acontece na história?	46
Lewis Maghanga		Joventut de fuoc - Canção	49
Declaração dos Princípios da Conferência de "Youth Writing History"	25		
Youth Writing History			



Socialismo e a solução universal desenvolvida no PKK

Abdullah Öcalan sobre a necessidade de uma política socialista
Do livro "Socialismo" de Abdullah Öcalan (Parte II)

Este texto foi escrito na década de 1990 por Abdullah Öcalan. É um dos textos que iniciou a mudança de paradigma dentro do pkk (partido dos trabalhadores do Curdistão) e, mais amplamente, dentro do movimento de libertação curdo.

OS TRABALHADORES, os oprimidos e os explorados sempre tiveram o seu próprio mundo, a sua própria visão do mundo, os seus próprios interesses, e baseados nestes: solidariedade, organização e lutas. A história da resistência socialista continuará enquanto a humanidade existir. A sociedade humana, agora analisada cientificamente, ainda abriga grandes conflitos até hoje. Por um lado existem abordagens selvagens, por outro existem utopias que se assemelham à ideia de paraíso. Assim como os ideais sociais, interesses e antagonismos extremamente egoístas que vão contra a sociedade também vêm à tona; o fato de estarem ancorados um no outro e ao mesmo tempo se contradizem promove a escalada de conflitos.

A vida social é indispensável ao ser humano: é aqui que co-

meça a disputa. Até que ponto a sociedade estabelece padrões para o indivíduo? Até que ponto o desenvolvimento da liberdade individual é necessário para a sociedade? É aí que reside o cerne da contradição. Várias ideologias desenvolveram soluções para esta questão, incluindo o socialismo. A análise social não começou com o socialismo, embora o socialismo seja o modelo explicativo mais científico. As religiões e vários sistemas de pensamento também tiveram um efeito positivo ou negativo no processo de desenvolvimento social no passado. Isto resulta na contradição entre progressismo e reacionismo, iluminismo e inquisição, amizade e inimizade, etc. Parece que isto continuará. Estas ideias são, portanto, enfatizadas: especialmente hoje em dia, as pessoas, classes ou camadas exploradoras tentam fingir o fracasso do socialismo com base na opressão e na propaganda, a fim de salvaguardar os seus próprios interesses. Os interesses dos oprimidos supostamente contam hoje e isso é o destino. As forças imperialistas e os seus ideólogos estão a tentar com todas as suas forças explorar este momento favorável para alcançar a sua vitória final. Estão a utilizar o fim de 70 anos de so-

cialismo, que na verdade é apenas uma versão do socialismo, para cimentar as suas reivindicações, apesar de o socialismo ter passado e ainda estar a passar por muitas fases de desenvolvimento.

Existem vários períodos comparáveis na história. Há também exemplos históricos de tentativas de aproveitar a oportunidade do momento. Se não prestarmos muita atenção, os capitalistas podem obter sucesso para si próprios. Por isso, é importante ter um olhar aprofundado e multi-dimensional sobre a realidade atual na perspectiva da resistência social. É claro que os oprimidos e explorados têm um modo de vida, uma visão do mundo e lutas. O socialismo real representa uma fase de desenvolvimento, tal como a Revolução Francesa e outras revoluções anteriores, mesmo a Revolução Islâmica, representam uma fase. Estas experiências não precisam ser exageradas nem negadas, mas a realidade deve ser avaliada em todas as suas dimensões. Em suma, enfatizou-se que os oprimidos deveriam pensar de forma muito limitada e, principalmente, manter-se afastados do pensamento político-filosófico para que se conformassem ao pensamento dos governantes. Eles foram mantidos afastados da sua realidade política independente através da violência ou da intriga, a fim de os distrair de uma revolução. Eles sempre foram prejudicados pelas preocupações do dia a dia e pelas reais condições de vida. Este ainda é o caso hoje. A falta de perspectiva e a inconsistência são generalizadas. Isto é verdade em todo o mundo, mas especialmente no Curdistão turco. Foi assim que

surgiu a maldita realidade dos oprimidos. Resumimos esta realidade com os termos “maldita gente, maldita classe”. Correr atrás dos governantes, não se libertar da sua teia de interesses, até mesmo vangloriar-se disso, significa: povo maldito, classe maldita ou personalidade maldita. Esta é também a origem de toda depravação e humilhação. É importante defender consistentemente o horizonte socialista e fazê-lo de forma livre e militante. Mas também é importante não cair em dogmas e aberrações. Porque só os trabalhadores podem compreender a sociedade cientificamente. Todas as outras classes podem fazer uso de dogmas e mentiras e vender várias mentiras como verdadeiras ideologias. Mas, tal como em períodos anteriores da história, os trabalhadores não têm dificuldade em desenvolver ideologias novas e revolucionárias.

Todo o século 20 foi influenciado pelo Leninismo

NOS DEBATES DE HOJE sobre o socialismo, o que normalmente se discute é o socialismo que existiu há setenta anos, que influenciou grande parte do mundo e que agora está quebrado ou ultrapassado. Pode ser útil voltar a isso. Também podemos analisar este socialismo em geral. Por exemplo, não faz sentido reduzir a crítica ao socialismo à prática do socialismo real. Pelo contrário, é mais apropriado entendê-lo como uma etapa táctica da história socialista, uma vez que o leninismo é uma ideologia em que predomina o lado político-tático. Quais são as características mais importantes desta fase? Existem as contradições mais grosseiras no capitalismo e no imperia-



Revolta Popular durante o Ano Novo Curdo de Newroz

lismo, que levaram a duas guerras mundiais. Mesmo antes disso, houve várias guerras sem sentido. O mundo foi dividido em detrimento dos povos, a exploração dos trabalhadores continuou. Ao mesmo tempo, houve um grande progresso na ciência e na tecnologia, o que também levou ao rápido despertar dos trabalhadores, mas também ao despertar das nações e dos povos. Neste sentido, o leninismo representa um grande movimento de liberdade com grande influência. O século XX foi um século caracterizado pelo leninismo, embora este termo tenha saído de moda hoje. Como sabemos, o socialismo científico fez grandes progressos através de Marx e Engels. As análises globais foram fundamentadas cientificamente e a organização começou. Do lado político-tático, porém, ainda havia uma grande carência. Isto ficou claro na tentativa da Comuna de Paris e em vários outros levantes. O leninismo eliminou estas deficiências com muito sucesso e promoveu a mudança revolucionária do mundo – a revolução socialista. No entanto, Lênin não enfatizou os aspectos ideológicos e morais do socialismo, nem foi capaz de analisar mais profundamente as relações de exploração capitalista-imperialistas. Ele tentou mudar as duras condições de opressão e exploração no interesse dos trabalhadores e dos povos. Nisso ele tem tido muito sucesso.

Portanto, não podemos afirmar que o socialismo real falhou totalmente ou entrou em colapso. Isso seria uma mentira. É claro que foram cometidos grandes erros em nome do socialismo, mas o socialismo real foi uma etapa importante para a liberdade dos trabalhadores e para o seu desenvolvimento físico e psicológico. O leninismo também representa uma etapa importante no desenvolvimento livre e independente do povo. Esta era do socialismo alcançou muitos sucessos. O programa marxista-leninista foi implementado em alguns soviets no início do século. O que ruiu e o que foi superado? O leninismo não foi capaz de se renovar ou atualizar e não conseguiu analisar novas questões e soluções. Por exemplo, no último quartel do século falou-se mesmo em alcançar o comunismo. Naquela época ficou claro que isso era um sonho ou um exagero. Falar de utopias comunistas numa época em que o mundo capitalista-imperialista tem um poder tão grande e os indivíduos são caracterizados pela sociedade escravista é um exagero e enganoso. O resultado é que chegamos ao fim das táticas leninistas, o leninismo cumpriu a sua tarefa e estamos no início de uma nova era. Estes são os resultados do socialismo científico, da sua prática leninista e dos sucessos táticos. Há partidos que foram fundados nesta fase. Eles também têm táticas de combate, e todas estas táticas foram amplamente analisadas no Leninismo. Mas hoje o caminho que tinha que ser trilhado foi trilhado; alguns objetivos foram mais ou menos alcançados. Portanto, os objetivos devem ser redefinidos. Isto significa analisar a situação atual da humanidade e, a partir dela, definir novos objetivos e programas. Seja para renovar os antigos partidos ou para fundar novos. O socialismo teve de ser levado até lá, mas pouco foi conseguido porque era muito difícil e porque o Estado soviético estava no camin-

ho. Essa é a verdadeira contradição.

O novo socialismo deve opor-se à criação de um Estado

É CLARO QUE ERA NECESSÁRIO estabelecer um Estado nesta fase do socialismo. Mas o facto de a importância do Estado ter sido tão exagerada é contrário à essência do socialismo. Disto aprendemos que a fundação de um Estado socialista significa apenas a ditadura do proletariado e não a fundação de uma sociedade socialista, e certamente não a criação de um homem socialista. O erro ou equívoco reside na crença de que a base de um bom Estado é suficiente para todo o resto. Hoje, quase todo mundo defende “o Estado” ou “os interesses do Estado” como se isso fosse sagrado. Por outro lado, porém, todos reclamam que o Estado é demasiado abrangente. Aqueles que eram mais a favor do Estado e dele beneficiaram sentem-se agora compelidos a rejeitar a criação de um Estado. Isto mostra claramente a necessidade do socialismo. Na verdade, foi o socialismo quem mais resistiu à criação de um Estado. Todas as outras ideologias exploradoras declararam o Estado sagrado. Mas hoje os capitalistas neoliberais questionam o Estado, mesmo na Turquia. Os maiores capitalistas defendem a privatização e a redução do aparelho estatal. Eles estão a tentar apropriar-se dos valores que o socialismo defende com mentiras e duplicidade, a fim de garantir a sua existência continuada. Isto significa que o novo e atual socialismo deve opor-se ao Estado mais do que qualquer



outra ideologia. O socialismo tem de defender a redução e dissolução do Estado e reconhecer os perigos que representa para a sociedade e os indivíduos, sendo esta talvez a maior contradição; o socialismo tem que mostrar o caminho para a dissolução do Estado. Isto não foi feito. O aparato estatal soviético atrapalhou-se como o próprio maior obstáculo. É claro que as antigas relações de exploração e a contradição com o bloco imperialista-capitalista são aqui relevantes. Mas a vontade socialista também é de grande importância e esta vontade deve ser reconhecida.

Esta é também a razão pela qual se fala em privatização, individualização e liberalismo nas antigas repúblicas soviéticas. Foi criado um estado em que as pessoas não conseguiam nem respirar livremente. Neste sentido, o que foi feito talvez não signifique um regresso total ao capitalismo: existia uma espécie de capitalismo com um exagero simultâneo da condição de Estado. Isto levou à confusão do capitalismo de Estado com o socialismo. Superar o capitalismo de Estado significa, portanto, enfatizar o indivíduo, mais liberalismo e ainda mais democracia. Isso não significa o desenvolvimento do capitalismo. É claro que haverá algum capitalismo individual e privado, mas a afirmação de que o futuro é inteiramente capitalista é uma distorção dos fatos. A discussão sobre este assunto ainda não terminou; a experiência soviética e os modelos sucessores continuarão a ser discutidos e analisados.

O capitalismo não tem mais nada a oferecer às pessoas hoje

OS PROBLEMAS que o imperialismo capitalista produz para a humanidade não se tornaram menores do que eram no século XIX ou no início do século XX. A humanidade está lutando com catástrofes mais do que nunca. Existem processos sociais incontroláveis. Por um lado, o mundo está à beira do abismo devido à destruição ecológica causada pela economia capitalista. Por outro lado, existem problemas morais e ideológicos. Os ideólogos capitalistas também estão a tentar encontrar soluções para estes problemas. O capitalismo deixou as pessoas sem idealismo. O capitalismo destruiu a ambição e a esperança, o que significa o fim da sua história.

Então, o que é necessário? Uma ideologia que dá esperança às pessoas. E isso não pode ser outra coisa senão o socialismo. É uma característica de todas as ideologias dominantes propagar o seu próprio fim como o fim da humanidade e o fim da sua própria história como o fim da

história da humanidade. Também é necessário para a sua sobrevivência fazer tais afirmações. Isso pode ser visto em todas as épocas importantes. Na sua época, Roma era um império invencível. Os impérios feudais posteriores, bem como os impérios capitalistas de hoje - por ex. os EUA - também o reivindicaram. Mas o desenvolvimento é uma lei natural. Portanto, não faz sentido falar sobre o fim da humanidade. O mundo não está ameaçado pela destruição, nem a humanidade está ameaçada por uma doença devastadora. Os seus problemas são ideológicos, políticos, sociais e económicos. As soluções também serão ideológicas, políticas, sociais, económicas, culturais e morais. Aqui o socialismo terá de se afirmar devido à sua ligação com o destino da humanidade e à sua responsabilidade. Neste sentido, o socialismo pode redefinir-se.

O capitalismo hoje não tem mais nada a oferecer às pessoas. Se olharmos para o mercado livre como exemplo, percebemos que surgiu uma classe que explora através da especulação e do interesse. No século passado, os capitalistas estavam preocupados com a produção e o comércio. Agora a produção, o comércio e a tecnologia são de importância secundária e o foco diário está nas taxas de juro. Essa orientação não tem mais nada a ver com produção. O capitalismo nos principais países capitalistas tornou-se sem sentido e sem função. Isto não mostra o sucesso do capitalismo, mas sim a sua insignificância. O que você pode conseguir com os jogos do mercado de ações? É uma espécie de aposta. O dinheiro só muda de mãos. Não são necessárias novas definições para o capitalismo, é um sistema de jogo funcional e o jogo é jogado para a humanidade. Estes triliões são uma catástrofe para o mundo e para a humanidade: não ver isto ou não resistir significa assistir à destruição do mundo.

Abdullah Öcalan





PERSPECTIVA INTERNACIONALISTA DA JUVENTUDE

O Confederalismo Mundial Democrático da Juventude como resposta aos problemas da juventude

Situação dos jovens

Vivemos numa situação mundial de caos e emergência, onde os jovens enfrentam muitas dificuldades específicas. Crise de identidade, crime e guerra não convencional são alguns dos principais problemas que enfrentamos hoje. Por isso, é importante reconhecermos-nos como jovens, reconhecermos em nós mesmos uma identidade revolucionária, pesquisarmos a nossa história e assim iluminarmos o nosso caminho a seguir. No sistema em que vivemos, denominado Modernidade Capitalista no nosso movimento, o papel da juventude é muito claro. A juventude é explorada a todos os níveis, utilizando a sua energia e dinamismo para sustentar o sistema. Isto é conseguido trabalhando sem descanso por salários insustentáveis, lutando em guerras para proteger interesses económicos e políticos que nada têm a ver connosco, ou - especialmente no caso das mulheres jovens - vendo os nossos corpos explorados para vender uma cultura consumista e individualista. estilo de vida sem sentido.

Esta forma de dominação, em que a juventude é manipulada para servir os interesses dos poderosos, é o que chamamos de gerontocracia. Aproveitando a nossa falta de experiência, conhecimento e organização, o sistema forma mentes jovens, tentando abrir as asas à nossa busca pela verdade e pela liberdade. As origens históricas desta relação podem ser vistas na sociedade que existia antes da ascensão do Estado e da divisão

de classes há mais de 5.000 anos. Embora esta sociedade vivesse de forma comunitária e igualitária, organizada em torno da liderança das mulheres, os velhos usaram o seu conhecimento e astúcia para convencer os jovens a aceitarem a sua própria escravatura e a tornarem-se soldados que impõem a exploração das mulheres e de toda a sociedade.

Hoje, as formas e táticas do sistema mudaram, mas a essência é a mesma. Vivemos esta realidade todos os dias. De pai para filho, de chefe para empregado, de irmão mais velho para irmão mais novo, de militante experiente para jovem militante, encontramos sempre a mesma dinâmica que rejeita novas ideias e possibilidades em favor da manutenção do sistema existente. Quantas vezes ouvimos frases como “você é jovem demais para entender”, “quando você ficar mais velho mudará de ideia” ou “é assim porque eu digo”? Não podemos ver isso como uma situação que só nos afeta individualmente. Estas sentenças fazem parte de um processo social que visa controlar os jovens, amarrando-os ao sistema dominante. É assim que se apropriam da nossa força, do nosso dinamismo, da nossa inteligência e da nossa curiosidade. É assim que a desculpa de “ter mais experiência” é usada para legitimar o mau uso e o abuso do poder que esta experiência traz.

Então, o que somos? Como jovens e mulheres jovens, esta questão pode ser estranha para nós. Nossa identidade realmente existe? Temos uma

função revolucionária específica? Precisamos nos organizar de forma autônoma? Deveríamos encontrar nós mesmos a resposta para essas perguntas. Se não o fizermos, outros farão isso por nós. Já podemos ver em todas as guerras – mais recentemente na Rússia e na Ucrânia – que as guerras são construídas com o sangue de jovens levados a lutar por uma suposta pátria. Ao mesmo tempo, podemos ver como em todos os bordéis encontramos jovens coagidas a servir como escravas do patriarcado.

Em todas as propagandas, a juventude é utilizada como tática de publicidade direcionada às classes médias. Em cada universidade eles roubam nosso tempo e intelecto em benefício próprio. Em todos os empregos eles nos exploram para continuar ganhando dinheiro. Somos objetos de controle em todos os lugares. Estamos habituados a satisfazer os desejos de poder e de capital dos poderosos em grandes e pequenas escalas. Mas, como jovens, chegou o momento de dizer “basta”. Os exemplos da história mostram que os jovens podem libertar-se das suas correntes e tornar-se uma força de libertação. Não é por acaso que a maioria das organizações revolucionárias do século XX foram fundadas por jovens. No desenvolvimento coletivo, conhecemos a nossa força e percebemos do que somos capazes. Aqui reside o potencial revolucionário da juventude. Este sistema tem medo de nós porque a nossa capacidade de criar, defender e desenvolver as nossas comunidades é muito forte. É por isso que devemos nos conhecer e, assim, dar o passo para nos organizar.

Então, o que somos? Como jovens e mulheres jovens, esta questão pode ser estranha para nós. Nossa identidade realmente existe? Temos uma função revolucionária específica? Precisamos nos organizar de forma autônoma? Deveríamos encontrar nós mesmos a resposta para essas perguntas. Se não o fizermos, outros farão isso por nós. Já podemos ver em todas as guerras – mais recentemente na Rússia e na Ucrânia – que as guerras são construídas com o sangue de jovens levados a lutar por uma suposta pátria. Ao mesmo tempo, podemos ver como em todos os bordéis encontramos jovens coagidas a servir como escravas do patriarcado.

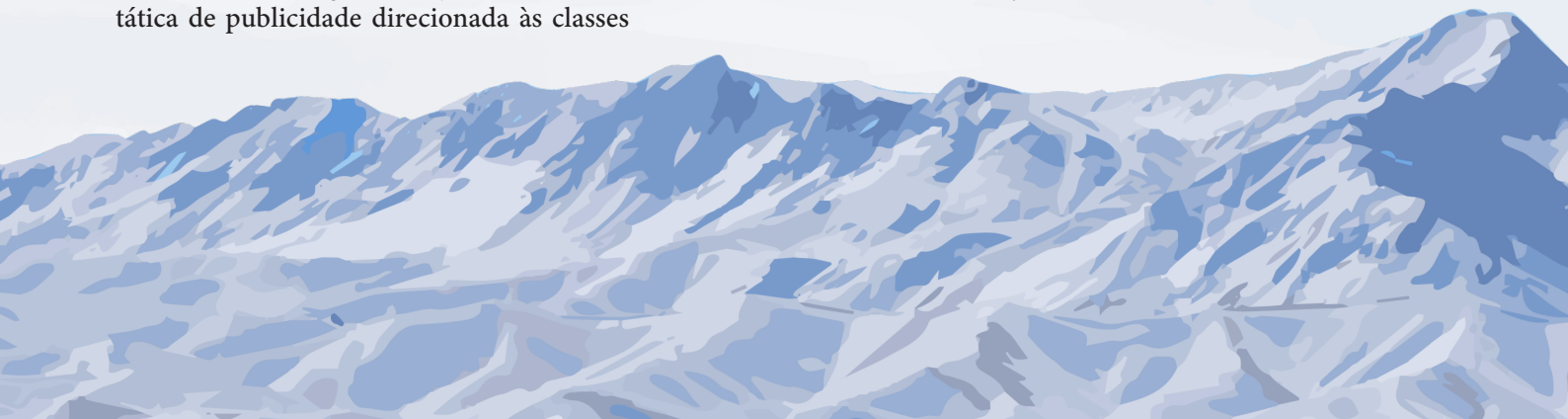
Em todas as propagandas, a juventude é utilizada como tática de publicidade direcionada às classes

médias. Em cada universidade eles roubam nosso tempo e intelecto em benefício próprio. Em todos os empregos eles nos exploram para continuar ganhando dinheiro. Somos objetos de controle em todos os lugares. Estamos habituados a satisfazer os desejos de poder e de capital dos poderosos em grandes e pequenas escalas. Mas, como jovens, chegou o momento de dizer “basta”. Os exemplos da história mostram que os jovens podem libertar-se das suas correntes e tornar-se uma força de libertação. Não é por acaso que a maioria das organizações revolucionárias do século XX foram fundadas por jovens. No desenvolvimento coletivo, conhecemos a nossa força e percebemos do que somos capazes. Aqui reside o potencial revolucionário da juventude. Este sistema tem medo de nós porque a nossa capacidade de criar, defender e desenvolver as nossas comunidades é muito forte. É por isso que devemos nos conhecer e, assim, dar o passo para nos organizar.

Conferência Mundial da Juventude e Confederalismo Mundial Democrático da Juventude como resposta aos problemas da juventude

Neste momento histórico, vemos a necessidade de agir e temos vontade de agir. Por isso, em Novembro passado, decidimos organizar a primeira Conferência Mundial da Juventude, sob o lema “Juventude Escrevendo História”. Na conferência, nós vimos aqueles que nos rodeiam. Vimos jovens de todos os continentes enfrentando problemas semelhantes. Descobrimos que queremos desenvolver ferramentas comuns. E descobrimos que a troca de experiências revolucionárias ajudou-nos a construir uma visão comum das necessidades gerais e específicas da nossa luta. Percebemos que enfrentamos problemas semelhantes dentro das nossas organizações, que temos de organizar a nossa vontade colectiva para desenvolver o nosso papel como jovens no quadro da revolução global. Se não nos organizarmos e não nos unirmos, ninguém nos ouvirá.

Esta Conferência Mundial da Juventude foi um sucesso. Foi um primeiro contacto, uma primeira demonstração do que podemos fazer, um espaço para trocar e discutir as nossas práticas e um momento para nos lembrar que não estamos sozinhos na nossa luta. Com estas discussões começámos a desenvolver um qua-



dro para ação conjunta. Neste sentido, criámos a rede Youth Writing History, que poderá ser um ponto central para a acção global da juventude. É uma rede horizontal onde daremos força uns aos outros e a partir da qual responderemos aos ataques específicos que recebemos como jovens. Estes ataques materializam-se de diferentes formas, por exemplo, nas migrações forçadas do sul para o norte global, como consequência da pobreza imposta em muitos casos. No Curdistão, assistimos à migração forçada de milhares de jovens que ficam com três opções: prisão, morte ou Europa.

Mais de quatrocentos jovens de quarenta e cinco países e noventa e cinco organizações, movimentos e partidos participaram da conferência. Não se trata de uma simples questão de números, mas da grande vontade que foi expressa e de como nos envolvemos em passos concretos em direção aos nossos objectivos. A conferência não foi apenas o resultado de anos de trabalho, foi um ponto de partida da práxis, no nosso caminho para a liberdade. Cada pessoa veio com sua vontade. Cada organização, partido e movimento juvenil veio porque viu a necessidade de escrever história. Participaram na conferência grandes e pequenas organizações dos cinco continentes, onde a capacidade de união permitiu identificar dois elementos fundamentais: um inimigo comum e a vontade de construir um mundo justo e igualitário. Superamos as distinções ideológicas – anarquismo, marxismo-leninismo, feminismo, ecologismo – para entregar uma mensagem ao mundo: “A juventude que luta pela liberdade é imparável”.

É por isso que avaliamos a conferência como um passo histórico. Durante muitos anos, o mundo não tinha visto os jovens mostrarem a vontade de tomar posse do seu futuro, e dificilmente poderia imaginar o que significa o livre arbítrio dos jovens. Avançamos para o desenvolvimento de um sujeito global e de uma identidade juvenil que procura o seu próprio caminho. Nos últimos anos, temos visto como as forças imperialistas têm tentado organizar a juventude, usando o seu dinamismo juvenil e participação em protestos e ações de massa para impor regimes imperialistas e para justificar novas ofensivas ideológicas do liberalismo. Por essa razão, esta conferência teve uma importância vital, pois foi posicionada fora do benefício potencial de qualquer

força imperial. Em vez disso, permitiu que os jovens se reunissem, ganhassem força e lutassem pela sua liberdade, ao mesmo tempo que procuravam reforçar, em todos os contextos, uma juventude diversificada e determinada, independente de qualquer força opressiva externa. Esta conferência é uma base para a ação global autónoma da juventude. Foi essencialmente uma conferência anticapitalista, anti-imperialista e anti-patriarcal da juventude por si só.

Organizamos vários workshops durante a conferência que nos permitiram conhecer diferentes perspectivas em torno destes temas. Hoje, os jovens enfrentam a migração forçada, a exposição às formas mais duras de liberalismo, a destruição ambiental, a violência patriarcal e a exploração como ferramenta para o desenvolvimento do militarismo e do fascismo. Não temos voz na educação do sistema e não podemos definir como queremos ser educados. À luz destes ataques, discutimos os problemas da juventude indígena, dos povos oprimidos, e como implementar a nossa própria economia livre da exploração e da gerontocracia. Também começamos a nos conectar com a nossa história e discutimos a necessidade de nos organizarmos internacionalmente. Acima de tudo, falámos sobre a nossa necessidade de liberdade e sobre como essa procura pela liberdade nos guia.

É impossível transmitir em poucas linhas tudo o que aconteceu na conferência. O que sabemos é que continuaremos a dar passos em direção a uma luta global da juventude. Temos agora uma aliança forte e uma declaração partilhada que nos permitirá avançar. Continuaremos reunindo, discutindo e reforçando nossas atividades locais com ações internacionais. Num mundo moldado pela guerra, pela destruição ambiental, pela violência machista e pelo feminicídio, a juventude deve desempenhar um papel de mudança.

Ao longo do presente século, assistimos a algumas notáveis mobilizações juvenis sob a forma de protestos pela democracia, pela defesa dos povos indígenas, por uma relação ecológica entre os seres humanos e o nosso ambiente, e pela libertação das mulheres e contra todas as formas de patriarcalismo. violência. Vimos alternativas económicas e organizacionais vitais acumularem-se e desenvolverem grandes esforços para a mudança em



toda a sociedade. Isto mostra que os jovens têm uma visão que se opõe ao estado atual do mundo e que, se se organizarem globalmente, serão uma vanguarda que guiará a mudança global. Por isso é importante unificar e organizar-se, criar estruturas democráticas com capacidade de reunir a diversidade da juventude e enfrentar os ataques do inimigo, e através disso trazer liberdade aos jovens e à sociedade em geral. Temos que lutar para experimentar a liberdade, e para lutar devemos nos organizar. Esta Terceira Guerra Mundial mostra-nos – como dissemos na edição anterior – que o sistema global está a passar por uma reorganização, que vivemos num período de caos e que avançamos para um mundo multipolar com muitos pontos de poderes opressivos em constante confronto entre si. Podemos ver diversas forças a participar nesta guerra, com todos os tipos e cores de Estados-nação a unificarem-se para ganhar o poder, ao mesmo tempo que rompem velhas alianças e mudam os seus cúmplices. Este confronto afecta a nossa vida quotidiana, porque as condições materiais em todo o mundo estão a piorar para a classe trabalhadora, as mulheres, a juventude e o planeta.

O sonho da classe média – o modo de vida americano ou europeu – está a desaparecer entre a miséria e a destruição ambiental. A mulher enfrenta a mais profunda ofensiva violenta contra a sua liberdade: a liberalização e comercialização absoluta do seu corpo, mente e identidade. É dito aos jovens que procurem falsas esperanças no niilismo, preenchendo o vazio da alienação com uma liberdade vazia definida por drogas, álcool, fanatismo religioso ou esportivo, vício e dependência para trabalhar ou estudar, e relações tóxicas em todos os níveis das suas vidas pessoais. . Todos estes são efeitos diretos do sistema capitalista, sendo o poder monopolista do capitalismo necessário para o desenvolvimento da Terceira Guerra Mundial. Ao parar esta guerra, devemos recuperar a nossa identidade.

Para promover, impulsionar e tomar medidas em direcção à liberdade para o mundo, devemos quebrar os esquemas impostos infligidos às nossas mentalidades e à nossa vida quotidiana e, em vez disso, construir uma alternativa organizada ao sistema actual. Hoje, podemos

ver alguns passos a serem dados para concretizar este potencial, desde a organização das comunidades indígenas em Abya Yala, até à participação revolucionária da juventude de Mianmar às Filipinas, Palestina e Mali. Em vários lugares, os jovens estão a tomar a iniciativa e a organizar-se para enfrentar simultaneamente os seus próprios problemas e os da sua sociedade. Da mesma forma, no Norte Global a juventude não permaneceu quieta e silenciosa face ao desastre ecológico imposto pelos capitalistas norte-americanos e europeus. Neste ponto é importante sublinhar a grande hipocrisia do sistema hegemônico. Ao mesmo tempo que destroem o ambiente, investem milhões de dólares em cimeiras que mascaram esta destruição contínua, ao mesmo tempo que legitimam regimes autoritários. Em nenhum lugar esta dinâmica é mais clara do que no facto de a próxima COP29 ser o Azerbaijão, apesar da sua brutal ocupação e invasão da região arménia de Artsakh. O elegante greenwashing tornou-se a ferramenta com a qual a violência colonial e a devastação ecológica em curso são ocultadas.

A Juventude está a organizar-se contra estas condições de exploração nas escolas, locais de trabalho e bairros. No Curdistão e no Médio Oriente em geral, a juventude assumiu um papel de vanguarda no desenvolvimento revolucionário. No entanto, no nosso próprio contexto, vemos limitações em muitas organizações que não refletem sobre o papel da juventude e assim suprimem o seu livre arbítrio e espírito revolucionário. Vemos também que as organizações juvenis podem ser facilmente assimiladas ideologicamente pelo liberalismo e cair no reformismo ou no purismo e dogmatismo esquerdista clássico, ambos os quais separam a juventude da sociedade e desativam a nossa luta.

A resposta é lutar, organizar e educar. Mas estamos conscientes do longo caminho que temos pela frente e de que hoje nós, como jovens, ainda estamos numa fase limitada de autoconsciência e organização. Devemos desenvolver a nossa teoria e prática numa força de vanguarda global. Não podemos dizer que somos um hoje, mas podemos dizer que temos a determinação de nos tornarmos um.



Podemos chamar ao sistema alternativo que queremos criar: Confederalismo Mundial Democrático da Juventude. Isto está enquadrado no paradigma do Confederalismo Democrático Mundial, proposto pelo líder ideológico do Movimento de Libertação do Curdistão, Abdullah Öcalan, como um sistema alternativo à ordem capitalista global. Dentro deste sistema social existem várias formas de organização autónoma, sendo as mais fundamentais a autonomia das Mulheres (Confederalismo Mundial Democrático das Mulheres) e a autonomia da Juventude (Confederalismo Mundial Democrático da Juventude). Com esta ideia, não pretendemos criar uma identidade juvenil única, pois não é possível pretender que a grande diversidade da juventude possa ser unificada num só corpo e numa só realidade. Ninguém pode impor uma identidade aos jovens. O que acreditamos ser necessário é unificar as diferentes juventudes existentes num sistema comum de auto-organização autónoma que nos permitirá reconhecer-nos, avançar juntos na luta e compreender o que significa desenvolver movimentos revolucionários que cheguem ao próprio coração da Modernidade Capitalista e fazê-la explodir. Não estamos dizendo que temos de destruir o sistema capitalista por dentro. Em vez disso, com a alternativa que estamos a construir, devolveremos à sociedade a sua própria capacidade de se liderar e desenvolvermos a nossa capacidade de resistir a quaisquer ataques que pretendam roubar novamente essa capacidade.

É assim que podemos criar um sistema real, inclusivo e representativo da juventude em todo o mundo. Já não falamos da união de uma organização revolucionária, mas de uma forma organizacional da juventude global; um espaço onde cada jovem pode participar através de comunas e conselhos para contribuir para o desenvolvimento de toda a humanidade. É assim que podemos contribuir para o progresso de um mundo ecológico e democrático, onde as mulheres e os jovens possam ser totalmente livres.

Conclusões: Organização e luta

Em Abya Yala, na África, na Ásia e em todo o Norte Global, nas cidades e nas comunidades rurais, nos centros e periferias, os jovens têm um papel importante. A juventude não está aqui apenas para protestar contra os infortúnios do sistema, mas pode construir, promover e renovar as suas comunidades física e ideologicamente, estando ao lado da mulher como vanguarda da mudança social. Para cada coisa destruída pela maldade, a juventude revolucionária identifica e preenche as lacunas, construindo a alternativa numa dimensão mais livre, comunitária e democrática. O revolucionário italiano Antonio Gramsci disse uma vez “educai, organizai, mobilizai-vos”. Isto é de importância crítica para a construção do Confederalismo Mundial Democrático da Juventude. Leiam, eduquem-se, discutam, escrevam, participem de seminários, educações, ações, encontrem-se, atuem, criem estruturas para resolver os problemas. A forma como o fizermos será a base criativa para o desenvolvimento do nosso Confederalismo num quadro global.

O papel de vanguarda que temos de desempenhar é garantir que a nossa força ideológica e física seja usada para fazer avançar a sociedade rumo à liberdade. A partir de hoje, os jovens vão redesenhar o fluxo da história e facilitarão o livre fluxo da energia da sociedade. Para este efeito, devemos continuar a concretizar as linhas desenvolvidas na Conferência Mundial da Juventude e avançar em direção à revolução global. Acordámos em dez pontos e agora temos de os desenvolver. Temos muito trabalho pela frente.

Defendemos o testemunho de muitos jovens revolucionários de ontem, dando-lhes vida e construindo assim o futuro. Como disse Abdullah Öcalan, “**jovens começámos, jovens venceremos**”.



Chegou a hora de uma nova ofensiva!



Perspectiva das mulheres jovens internacionalistas

Há alguns anos, Rêber APO previu que o século XXI seria o século da libertação das mulheres. Esta previsão afirma que a nação da feminilidade, que foi ocupada e destruída há 5.000 anos, está hoje no processo de tomar o seu destino nas suas próprias mãos e de escapar às garras do sistema patriarcal. Sem dúvida, as mulheres em todo o mundo sempre resistiram e defenderam os seus direitos. Mas por que não sabemos seus nomes? Por que a história deles não foi escrita? Existem cerca de 4 bilhões de mulheres no mundo. Toda mulher trava uma luta durante toda a vida. Mas como podemos fazer com que estas lutas produzam resultados duradouros? Se realmente compreendermos a feminilidade como uma nação, ou seja, uma unidade histórica, cultural e espiritual, então a perspectiva da libertação das mulheres torna-se mais concreta aos nossos olhos. Um género que deu origem a toda a humanidade, que levou a vida durante milhares de anos e que alcançou, durante o período neolítico, o estatuto de

Sem dúvida, as mulheres em todo o mundo sempre resistiram e defenderam os seus direitos. Mas por que não sabemos seus nomes? Por que a história deles não foi escrita?

Deusa devido à sua criatividade, é sem dúvida o género mais forte e significativo. Foi somente através de uma guerra selvagem e com grande astúcia que os homens foram capazes de declarar a sua inimizade para com as mulheres. O seu objectivo não era apenas desferir um golpe contra as mulheres. Os homens queriam colocar as mulheres sob seu controle absoluto e usá-las como escravas. É por isso que estes ataques são comparáveis à ocupação de uma nação. Embora a guerra patriarcal já dura há 5.000 anos, os homens nunca foram totalmente capazes de destruir a vontade das mulheres, mas as mulheres foram alienadas da sua essência e a sua unidade foi aniquilada. Assim, os homens assumiram à força o seu status de Deus. Mas cada mulher ainda sente dentro de si que vive escravizada, e embora os homens definam esta situação como normal, na verdade é contrária à natureza humana num nível fundamental, podemos até dizer que vai contra as leis do Universo.

Se olharmos especificamente para o século XXI, fica claro que as mulheres fizeram progressos em direção à liberdade em todo o mundo. Mais uma vez, estas epopeias, escritas todos os dias, não são suficientes para definir a agenda mundial. Já é tempo de a feminilidade se reunir. Para fazer isso, devemos escrever a história da feminilidade, a cultura das Deusas deve florescer mais uma vez e o espírito unido das mulheres em todo o mundo deve ser reconstruído. Na Conferência Mundial das Mulheres, organizada pela primeira vez pela vanguarda das mulheres curdas em 2018 e pela segunda vez em 2022, veio à luz que todos os problemas das mulheres são semelhantes. O sistema patriarcal está organizado em todos os níveis. Talvez com métodos diversos, mas com o mesmo objetivo de oprimir e atacar as mulheres. É assim que todos os dias quebra a vontade das mulheres, destrói a sua essência e aniquila qualquer tipo de unidade entre as mulheres. As mulheres podem responder a estes ataques organizando-se da mesma forma, a diferentes níveis. Hoje, o patriarcado não ataca apenas as mulheres; da natureza à sociedade, das crianças aos idosos, todas as formas de existência são prejudicadas pelo sistema patriarcal. Uma revolução global é necessária. Se todas as forças na luta se unirem e construírem uma frente colectiva contra o sistema, não haverá força dominante que as possa deter. Mas quem construirá esta frente? Como será e onde começará?

Na construção do socialismo real, Marx identificou a classe trabalhadora como uma força e uma identidade fundamentais para a revolução. Mas dado que a iden-



Jovem curda anuncia sua decisão de ingressar na guerrilha, 2023



Conferência Mundial das Mulheres, 2022

tidade da classe trabalhadora é em si um produto do sistema capitalista, a revolução Marxista-Leninista não foi capaz de criar personalidades livres que estivessem posicionadas fora do sistema. Esta certamente não era a intenção de Marx, mas no final, a sociedade não foi capaz de superar a personalidade dominante para alcançar a libertação. Em particular, a realidade das mulheres

foi ignorada. Réber APO esclarece que são as mulheres e os jovens que desempenham o papel de vanguarda.

Tanto porque estes

sectores da sociedade foram oprimidos muito antes do aparecimento do sistema proletário e, portanto, sentem mais fortemente a necessidade de liberdade, como porque os sectores da sociedade que são mais fortes e mais criativos são constituídos por mulheres e jovens. Isto foi comprovado pela luta pela libertação curda. Talvez noutras revoluções este facto não tenha sido afirmado de forma tão óbvia, mas ainda é um fenómeno global. É por isso que a filosofia de que RESISTÊNCIA É VIDA, do Curdistão às terras de Abya Yala, é a mesma filosofia.

Após o sucesso das Conferências Mundiais de Mulheres, a juventude curda também sentiu a necessidade de construir um espaço para trocar ideias, partilhar experiências e expandir a luta. É por isso que, de 3 a 5 de novembro de 2023, a rede Youth Writing History organizou a primeira Conferência Mundial da Juventude em Paris. 90 organizações juvenis revolucionárias e socialistas de quase 50 países reuniram-se e com grande motivação discutiram os problemas actuais e procuraram soluções em conjunto. Um dos fundadores do Movimento de Libertação do Curdistão, Duran Kalkan, definiu esta conferência como um renascimento do espírito de 1968. E, verdadeiramente, nesta conferência o espírito de 68 juntou-se ao espírito da revolução feminina. Esta conferência da juventude não foi apenas um golpe

no sistema capitalista colonial mas, porque o tema da libertação das mulheres era uma questão fundamental, também desferiu grandes golpes no sistema patriarcal. Um grande número de jovens participaram com os seus próprios personagens e com as suas próprias vozes e, através da conferência, desenvolveram perspectivas muito ricas. Esta também é a magia da revolução curda. Por um lado, as mulheres organizam-se e, por outro lado, a libertação das mulheres torna-se um tema central em toda a sociedade. Podemos ver este processo expresso no Leste do Curdistão (Rojhilat) e no Irão em geral, onde, como vingança pelo assassinato de uma jovem, milhares de jovens curdos, persas e balúchis juntaram-se às suas irmãs nas ruas e arriscaram a sua própria sorte. É também por isso que a relação entre a luta das mulheres e a da sociedade como um todo foi discutida na conferência. Talvez nem todas as mulheres que aderiram à conferência fizessem parte de organizações autónomas de mulheres. Mas veio à luz que as mulheres jovens são uma vanguarda natural em todos os sectores da luta. Com a dinâmica da juventude e a criatividade das mulheres, as jovens possuem uma força única. Características como a defesa do moral da sociedade, a forte relação com os seus objetivos e a criação de valores éticos e estéticos revolucionários estão especialmente presentes nas mulheres jovens. Na conferência, o carácter das mulheres, desde a sua organização até à sua participação nas discussões e decorações, foi completamente integrante. Em particular, o painel denominado “Jovens Escrevendo História”, no qual jovens de quatro partes diferentes do mundo partilharam as suas experiências de luta, motivou profunda reflexão e grande motivação. Em particular, uma perspectiva de luta conjunta foi apresentada pelas mulheres indígenas que lutam simultaneamente

pela libertação das suas terras ocupadas e pela destruição do patriarcado. A campanha SOLUÇÃO PARA A QUESTÃO CURDA” foi muito interessante. Muitas jovens que nunca tinham ouvido o nome Rêber APO antes foram muito influenciadas pela sua atitude em relação à questão da libertação das mulheres e rapidamente sentiram uma ligação com ele. Nesta base, a declaração autónoma enviou uma mensagem forte.

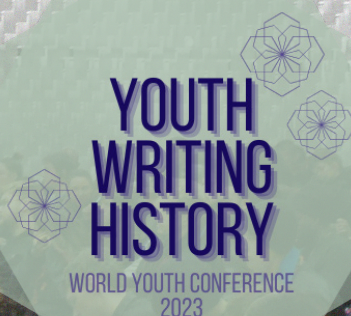
Em geral, a conferência esclareceu que as lutas dos jovens e das mulheres não podem ser vistas separadamente. As mulheres jovens criam uma ponte entre estes dois sectores e levam a força da revolução ao seu ápice. Para levar a cabo uma luta vitoriosa, os movimentos juvenis precisam da vanguarda das mulheres jovens. Por outro lado, as mulheres jovens são o ponto-chave da revolução. Para que as mulheres jovens desempenhem hoje o seu papel da forma mais forte, é necessário haver ainda mais discussão. Só se as jovens carregarem o peso da revolução nos seus ombros com grande determinação é que poderemos ver grandes resultados. As mulheres jovens devem acreditar em si mesmas e acolher a Revolução das Mulheres do século XXI com motivação infinita. Desta forma, poderão defender o legado de milhares de mulheres e jovens que deram a vida na luta pela liberdade. Já está claro que chegou o momento de as jovens darem um novo passo histórico. Neste contexto, a organização de uma Conferência Mundial de Mulheres Jovens poderia ser a mais recente ofensiva na epopeia da revolução socialista mundial.



RUMO A UM NOVO ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO JUVENIL

PRIMEIRA CONFERÊNCIA MUNDIAL DA JUVENTUDE PRIMEIRO PASSO

De 3 a 5 de novembro de 2023, realizou-se em Paris a primeira Conferência Mundial da Juventude, na sequência da 2ª Conferência da Juventude do Médio Oriente, que se realizou na cidade de Kobanê em 2019. Organizada pelo centro juvenil Ronahî e pela “Youth Writing” Rede da História, o evento reuniu jovens de todos os continentes para uma primeira rodada de encontros e intercâmbios. O objectivo é claro: o desenvolvimento de uma frente única da juventude revolucionária a nível mundial. Nesta edição, queremos compartilhar com vocês um pouco da energia criada durante este encontro histórico. Mais do que nunca, precisamos acreditar na nossa força e espalhar esperança ao nosso redor!



EM TODO O MUNDO, A CONFERÊNCIA ESTÁ SE DIFUNDINDO

"É um encontro incrível, todos concordam que foi realmente necessário. Para os povos originários que lutam pela nossa terra é importante que a Juventude está à frente desta luta, porque somos a última geração que pode travar uma crise climática que também é colonial"

Alienin, da organização RAJ (Retomada Aty Jovem) do povo Guarani do Brasil

" Não podemos ignorar o sol, ainda mais porque ele tanto promete e avança. Assim, parece necessário considerar o movimento curdo como um aliado estratégico para as lutas entre irmãos de Abya Yala, e continuar a agir em solidariedade, aprendendo e mantendo contacto com ele.

Liberdade para Abdullah Öcalan e todos os presos políticos do mundo! Dos Andes a Qandil, as lutas dos povos avançam! Autonomia e terra!"

Liberación - Chile


"Que a nossa solidariedade atravesse montanhas e mares para ecoar nas celas onde a justiça foi silenciada.

ACABAR COM AS GUERRAS CONTRA OS CURDOS, PALESTINOS, MAPUCHES, GUARANIS KAIOWA, ZAPATISTAS E TODOS OS OUTROS POVOS INDÍGENAS QUE LUTAM PELA VIDA E PELA AUTONOMIA!"

Declaração comum da organização de Abya Yala presente na conferência

"A liderança das jovens que emergiu na conferência mundial foi notável. A organização e o poder de acção das mulheres jovens têm um lugar importante para a universalização da luta pela libertação das mulheres."

Dicle Amed - Mulher guerrilheira



“Em nome de todos os combatentes e comandantes das YPJ (Unidades de Proteção à Mulher) saudamos a reunião da juventude de todo o mundo. Com a esperança e a crença de que neste encontro acontecerão discussões muito importantes e valiosas e decisões influentes serão tomadas para a construção de um mundo e de uma sociedade livre e vitoriosa. Porque sabemos que o sistema existente incendiou sociedades em todo o mundo. Com a guerra, com o isolamento, com o genocídio e com todos os métodos de aniquilação das culturas das sociedades, há uma guerra muito brutal em curso. Por isso, nós, como força e como juventude, precisamos lutar de forma muito forte e dinâmica”

Comando Geral YPJ

"Está em curso uma nova revolução juvenil? Agora, especialmente as gerações mais velhas perguntam-se: O que está a acontecer? Estará a geração jovem revolucionária de 1968 a renascer, estará a começar uma nova revolução juvenil? Por exemplo, o Dev-Genç renascerá na Turquia? Irão as organizações juvenis do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 reaparecer noutros países? Não há dúvida de que estas questões são importantes e que a conferência de Paris teve o poder de levantar tais questões e criar tais expectativas.."

Duran Kalkan - Comitê executivo da PKK

"Enquanto jovens, teremos de ser atores na transformação global, contra o neocolonialismo e o imperialismo. Ele continua: "Vim para partilhar a minha experiência e aprender com os meus camaradas, para que todos possamos ser mais eficazes nas nossas lutas."

Amidou Diamoutene - UACDDDD - Mali

"O capitalismo já não é uma solução para os problemas da juventude. Todos nós vemos isso. Por esta razão, a nossa conferência foi organizada no momento certo. Esta conferência foi o primeiro passo, mas o nosso objectivo é maior. Temos força para desempenhar um papel de vanguarda. Temos a força ideológica, organizacional e social e isto é uma prova de que podemos desempenhar o nosso próprio papel."

Sahîn Cûdî - Comitê Preparatório da Conferência

"A juventude curda das quatro partes do Curdistão participou activamente tanto nos preparativos da conferência como na própria conferência. Consideramos esta conferência liderada por jovens como um passo importante na luta pela liberdade de toda a humanidade"

Firaz Garzan - Movimento da Juventude Curda

Do Baluchistão para todo o mundo Forjando a unidade entre os oprimidos

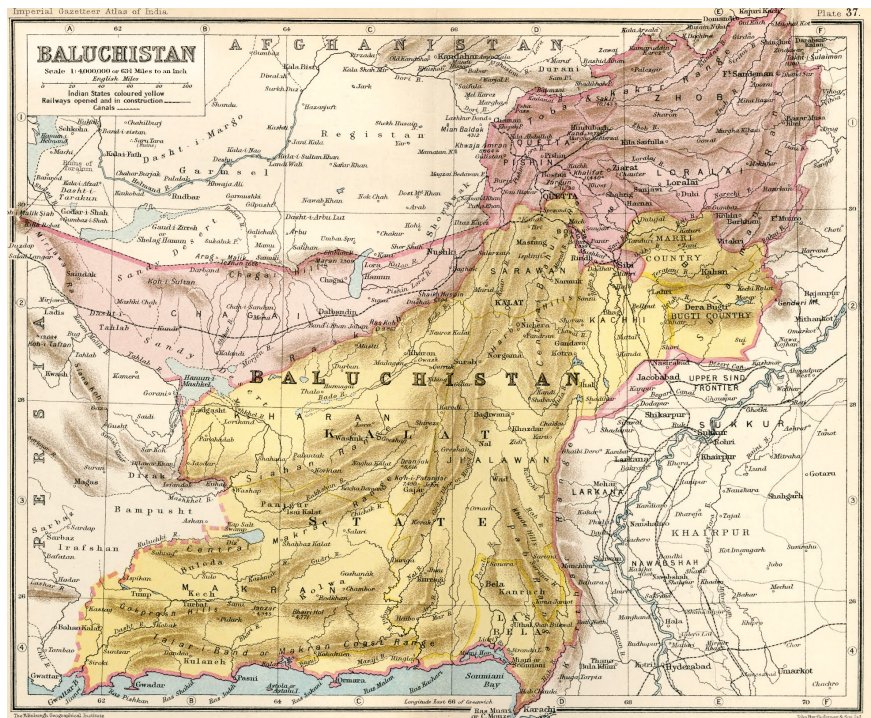
Por Abdullah Abbas
Conselho de Direitos Humanos do Baluchistão

De 3 a 5 de novembro, a conferência internacional “Youth Writing History” em Paris, organizada por ativistas do movimento curdo, marcou um encontro significativo de ativistas de diversas origens em todo o mundo. Como representante do Conselho de Direitos Humanos do Baluchistão, uma organização focada nas violações dos direitos humanos no Baluchistão pelo Exército do Paquistão, tive o privilégio de testemunhar a presença fortalecedora de ativistas que defendem várias causas.

O Baluchistão, outrora uma nação independente, carrega as cicatrizes da colonização pelas forças britânicas, levando à sua divisão e ocupação pelo Paquistão, Irã e Afeganistão. As raízes desta situação remontam ao ataque do Raj britânico ao Baluchistão em 1838, que resultou na colonização da região duas décadas antes da ocupação do subcontinente indiano. Os acontecimentos subsequentes, como a divisão do Baluchistão em 1872 e a criação da Linha Durand em 1893, ilustram a complexa história que preparou o caminho para os desafios atuais enfrentados pelo povo Baloch.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Baluchistão declarou independência ao lado da Índia e do Paquistão, apenas para enfrentar a ocupação pelo Paquistão em 1948, orquestrada para proteger os interesses ocidentais na região. Isto marcou o início da luta do Baluchistão como colônia, que encontrou resistência firme do seu povo, resultando em cinco revoltas, todas brutalmente reprimidas. O ano 2000 assistiu a outra revolta, a mais longa até agora. O Paquistão, ao colaborar com a China para alterar a demografia do Baluchistão para a construção de um porto, alimentou o movimento, conduzindo à resistência mais duradoura que persiste até hoje. O subsequente projecto do Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), iniciado em 2003, tem enfrentado oposição contínua, com o porto e outros projectos a permanecerem inoperantes duas décadas depois.

À medida que a resistência persistia, o Exército do Pa-



quistão implementou uma estratégia implacável, recorrendo a desaparecimentos forçados e execuções extrajudiciais de activistas e das suas famílias que criticavam a ocupação do Paquistão. Só nos últimos cinco anos, mais de 5.000 pessoas desapareceram à força e pelo menos 3.000 foram mortas extrajudicialmente, enquanto os militares reforçam o seu controle sobre todos os aspectos da vida civil.

O Baluchistão sob ocupação iraniana enfrenta desafios semelhantes, com o regime dos mulás a suprimir partidos políticos, a matar activistas e a criar um vazio político – a luta da região é exacerbada pela privação económica e por um esforço

**Só nos últimos cinco anos, mais de 5.000
pessoas desapareceram à força**

concertado para iranizar a área. A campanha para iranizar envolve distorcer a história dos Balúchis, Curdos e outras etnias sob

o domínio iraniano, negando as suas histórias, culturas, línguas e diversidade únicas. Em vez disso, a população é informada de que faz parte de uma nação persa maior, e as autoridades até proibem o uso de Balochi, Kurdi e outros nomes locais. Apesar destes desafios, a resistência persiste.

Em agosto de 2022, quase um mês antes do trágico assassinato de Jina Amini, uma menina balúchi de 15 anos foi vítima de agressão sexual por parte de um policial em Chahbahar. A indignação pública ocorreu após a divul-

gação do incidente, culminando em protestos que eventualmente culminaram no Massacre de Zahedan.

Contextualizar o movimento Jin Jiyan Azadi é crucial. Após o assassinato brutal de Jina Amini, este movimento ganhou impulso no Irã, com a população do Baluchistão a protestar simultaneamente contra as violações cometidas pelos Guardas Revolucionários Iranianos. Juntamente com outras partes do Irã e do Curdistão, as forças iranianas reprimiram manifestantes pacíficos, matando centenas e detendo outros. Hoje, as comunidades Balúchi e Curda constituem o maior número de pessoas mortas, executadas e detidas após o assassinato de Jina.

Apesar da magnitude da violência e da repressão no Baluchistão, a consciência internacional continua a ser mínima, com os meios de comunicação a denominarem-no frequentemente como um “buraco negro de informação”. A falta de atenção das organizações internacionais de direitos humanos permitiu que o Paquistão e o Irã agissem com impunidade, perpetrando atrocidades sem consequências.

A conferência "Youth Writing History" serviu como uma plataforma fundamental para que ativistas globais se unissem, partilhassem as suas lutas e explorassem vias de colaboração. Apesar da natureza diversa dos nossos desafios, o padrão fundamental da opressão é o mesmo – enraizado na ocupação e na pilhagem. Sublinhou a necessidade de um esforço colectivo, que transcenda as fronteiras geográficas, para enfrentar um adversário comum – um sistema enraizado na ocupação e na exploração.

Balochistão ocupado por três estados-nação: Paquistão, Irã e Afeganistão.



Tornou-se evidente que os nossos opressores estão unidos através de diferentes entidades, enquanto nós, os oprimidos, permanecemos fragmentados. No entanto, a nossa força reside nos fatores unificadores da dor, da camaradagem e da procura da justiça e da verdade. Enfrentamos uma escolha: suportar o sofrimento isoladamente

ou unir-nos e formar uma frente unida contra a opressão. Essa unidade envia uma mensagem poderosa aos nossos opressores – que estamos juntos, prontos para resistir coletivamente, e tocar num convite à resistência de todos.

Não importa o seu poder, um vínculo forjado na luta partilhada é muito mais forte do que uma unidade baseada na ganância e na exploração.

**Enfrentamos uma escolha:
suportar o sofrimento isoladamente
ou unirnos e formar uma frente
unida contra a opressão**



Navegando no caminho para a solidariedade global

Reflexões sobre a Conferência Mundial da Juventude realizada em Paris, França



Por Lewis Maghanga, Revolutionary Socialist League

Manifestação no Quênia, 2023

No coração de Paris, uma cidade rica em história e cultura, a Conferência Mundial da Juventude revelou-se como um farol de esperança e uma plataforma para a mudança. Ao entrar na atmosfera vibrante da conferência, fiquei imediatamente impressionado com a diversidade de vozes e perspectivas que se reuniram para enfrentar as questões prementes da opressão, exploração, patriarcado, imperialismo e militarismo exacerbados pelo capitalismo global.

A Conferência Mundial da Juventude, organizada por uma rede internacional de organizações sob o lema “Juventude Escrevendo História”, reuniu representantes de várias organizações juvenis de todo o mundo, unificadas pelo objectivo comum de alcançar a libertação para todos os povos do mundo.

Particpei na conferência como representante da Liga Socialista Revolucionária, uma organização juvenil revolucionária sediada no Quênia, empenhada em alcançar a revisão completa do atual sistema capitalista explorador e a sua substituição pelo socialismo.

A Liga Socialista Revolucionária (RSL) luta pela libertação total do povo queniano em particular e do povo africano em geral, e de todos os povos oprimidos e reprimidos do mundo que lutam para esmagar a exploração em todas as suas formas. A RSL está orientada para a concretização final das aspirações do povo do Quênia, da África e do mundo em geral. A RSL reconhece a necessidade de se unir urgentemente, para o bem do sucesso do Movimento Proletário Internacional, com outras organizações revolucionárias e da classe trabalhadora em

todo o mundo, na forja de uma aliança revolucionária global. E assim, foi um prazer participar da Conferência Mundial da Juventude!

No Quênia, a RSL organiza-se tendo como pano de fundo um feroz ataque neoliberal. Cada vez mais quenianos, especialmente os jovens, têm cada vez mais dificuldades no acesso aos alimentos, a necessidade humana mais básica, em resultado dos preços cada vez maiores dos produtos básicos. O governo do Quênia, num flagrante desrespeito pela situação difícil do povo, continuou a impor impostos mais pesados sobre alimentos, combustíveis e outros produtos básicos. Esta é uma tentativa de cumprir as directivas do FMI e de outras instituições financeiras globais. O resultado, sem surpresa, é que a esmagadora maioria da população se encontra num grave estado de indigência, agravando uma situação já deplorável: o Quênia ocupa o 86º lugar entre 117 países no Índice Global da Fome de 2019. Além disso, mais de 3,3 milhões de quenianos não conseguem água suficiente para beber.

Nos nossos assentamentos informais e habitações urbanas, os aspectos negativos da desigualdade continuam a fazer-se sentir. De acordo com uma investigação realizada pelo Centro Africano de Investigação sobre População e Saúde, 80% dos residentes em bairros degradados no Quênia sofrem de insegurança alimentar, o que explica em parte as elevadas taxas de subnutrição de perto de 50% entre as crianças. Os residentes dos bairros degradados representam mais de 60% da população de Nairobi, capital do Quênia. Além disso, mais de 13 milhões de quenianos sofrem de insegurança alimentar e nutricional crônica, de acordo com a SOFI, uma publi-

cação da Organização para a Alimentação e Agricultura. Um quarto das crianças no Quênia tem um crescimento atrofiado.

O fosso entre os mais ricos e os mais pobres atingiu níveis extremos no Quênia. Menos de 0,1% da população (8.300 pessoas) possui mais riqueza do que os 99,9% mais pobres (mais de 50 milhões de pessoas), de acordo com a Oxfam International. Os 10% mais ricos da população do Quênia ganhavam em média 23 vezes mais do que os 10% mais pobres.

Face a esta crise no Quênia, a RSL e eu encaramos a minha participação na Conferência Mundial da Juventude como uma oportunidade não só para discutir estas questões e muito mais na nossa análise da situação global, mas também para nos juntarmos a outras organizações com ideias semelhantes na forjar uma frente unificada contra o capitalismo internacional. Além disso, consideramos a convocação da Conferência Mundial da Juventude inaugural como o início de um passo ousado dos jovens de todo o mundo no sentido de assumirem a assustadora responsabilidade de estarem na linha da frente contra o imperialismo, o fascismo, o militarismo e a opressão em todas as suas formas.

Realizada no coração de Paris, a conferência teve como objetivo dissecar e confrontar os desafios multifacetados colocados pelo estado atual do mundo. A sua missão abrangente era preparar o caminho para um futuro global mais equitativo, justo e sustentável. Os vários workshops temáticos realizados durante a conferência abordaram o modo de vida liberal, a libertação das mulheres, a ecologia, o fascismo e o militarismo, o desemprego e a desigualdade, os direitos dos povos indígenas e a essência do internacionalismo.

Uma das discussões centrais girou em torno do modo



de vida liberal. Os delegados envolveram-se em diálogos perspicazes que questionaram as normas e valores sociais prevaletentes associados ao liberalismo, analisando o seu impacto sobre a juventude. Os workshops levaram os participantes a examinar criticamente o impacto das ideologias centradas no Ocidente no cenário global, desafiando-nos a reimaginar uma abordagem mais inclusiva e culturalmente sensível às estruturas sociais.

A questão da libertação das mulheres emergiu como um tema poderoso e ressonante. Os participantes foram confrontados com as duras realidades da opressão, exploração e violência baseadas no gênero que persiste a nível mundial. Os workshops serviram de catalisador para conversas apaixonadas sobre o desmantelamento dos sistemas patriarcais e a promoção de ambientes onde as mulheres possam prosperar em todas as esferas da vida. Os participantes analisaram o papel do patriarcado na sustentação do capitalismo e na propagação da exploração do trabalho, sendo o trabalho das mulheres duplamente explorado. O empoderamento e a solidariedade surgiram como princípios fundamentais na busca da verdadeira igualdade de gênero e da libertação das mulheres.

O empoderamento e a solidariedade surgiram como princípios fundamentais na busca da verdadeira igualdade de gênero e da libertação das mulheres

A ecologia ocupou o centro das atenções enquanto os participantes lutavam com a necessidade urgente de abordar a degradação ambiental e as alterações climáticas. Desde discussões sobre práticas sustentáveis até debates sobre as responsabilidades das nações industrializadas, os workshops despertaram uma determinação colectiva de salvaguardar o planeta para as gerações futuras. A conferência tornou-se um cadinho para ideias inovadoras e ações concretas para mitigar a crise ecológica. Mais importante ainda, os camaradas identificaram a causa raiz da atual crise climática e ecológica, o capitalismo e a sua crescente fome de lucro, com total desrespeito pelas consequências.

Confrontando os espectros do fascismo e do militarismo e o seu impacto devastador nas comunidades em todo o mundo, os participantes envolveram-se em conversas instigantes sobre a importância de desmantelar regimes autoritários e promover a paz.

Eles identificaram o fascismo e a ascensão da extrema-direita como uma ameaça cada vez maior dentro dos nossos respectivos Estados-nação. Os camaradas reconheceram corretamente a necessidade de se unirem rapidamente, para o bem de todos os povos oprimidos do mundo, e de estabele-

cerem uma frente internacional para combater o fascismo e a ascensão da extrema-direita.

O desemprego e a desigualdade foram dissecados com um olhar atento para o dismantelamento das barreiras sistêmicas que perpetuam a pobreza e as disparidades sociais. Os participantes debateram-se com as implicações de um sistema económico global que muitas vezes beneficia poucos à custa de muitos. Reconheceram também que o actual sistema económico não está falido; está de facto a funcionar como deveria e que a gritante desigualdade testemunhada em todo o mundo é apenas uma característica do capitalismo como modo de produção. Os workshops reconheceram a necessidade de um sistema alternativo que dê prioridade ao crescimento económico inclusivo e aborde as causas profundas do desemprego e da desigualdade.

Os direitos dos povos indígenas emergiram como um tema profundamente importante, permitindo aos participantes analisar os efeitos destrutivos da hegemonia económica e sociocultural em curso do imperialismo sobre os povos indígenas de vários lugares do mundo. Representantes de diversas comunidades e culturas indígenas partilharam as suas experiências, lançando luz sobre os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas em todo o mundo. A conferência serviu de plataforma para amplificar as suas vozes e reforçar a solidariedade de todas as organizações revolucionárias na luta pela protecção dos direitos, culturas e terras indígenas.

O espírito do internacionalismo permeou todas as facetas da conferência, promovendo ligações entre organizações revolucionárias de diferentes cantos do globo. Os delegados exploraram a importância da colaboração na abordagem dos desafios globais através da combinação das nossas campanhas e lutas e da promoção de um sentido de responsabilidade partilhada pelo bem-estar da humanidade.

Ao reflectir sobre as minhas experiências na Conferência Mun-



dial da Juventude em Paris, o sentimento predominante é de optimismo e determinação. A conferência não só lançou luz sobre a intrincada rede de desafios que enfrentamos, mas também incutiu um sentido de propósito colectivo e uma crença de que a mudança não é apenas possível, mas imperativa.

Paris, com a sua história de revoluções e movimentos sociais, serviu de pano de fundo adequado para este encontro de jovens mentes determinadas a moldar um futuro melhor. Os workshops, discussões e interações na conferência sublinharam o poder da unidade na abordagem dos desafios complexos do nosso tempo.

A troca de ideias e o estabelecimento de ligações lançaram as bases para um movimento global empenhado em dismantelar a opressão, a exploração, o patriarcado, o imperialismo e o militarismo.

Ao levar as lições e a inspiração colhidas na Conferência Mundial da Juventude para a minha organização e comunidade no Quênia, lembro-me que a busca por um mundo justo, livre e equitativo é uma jornada contínua. A conferência não foi apenas um momento no tempo, mas um catalisador para um movimento sustentado em direcção à solidariedade global. As experiências em Paris deixaram uma marca indelével na minha compreensão do mundo e no meu papel na definição do seu futuro. O caminho a seguir pode ser desafiador, mas com o espírito colectivo aceso durante a conferência, a jornada rumo a um mundo mais justo e compassivo, livre de exploração e opressão, é ao mesmo tempo alcançável e imperativa.

Na verdade, o capitalismo não é inevitável; outro mundo é possível!

O espírito do internacionalismo permeou todas as facetas da conferência, promovendo ligações entre organizações revolucionárias de diferentes cantos do globo

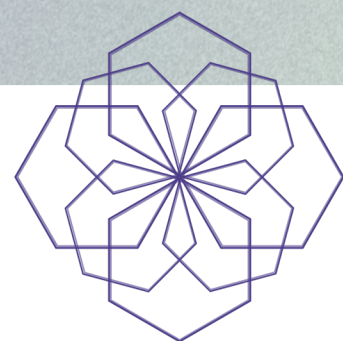


Declaração dos Princípios da Conferência de "Youth Writing History"



Preâmbulo - COMO JOVENS DE TODO O MUNDO, BEM COMO A HUMANIDADE COMO UM TODO, somos atualmente confrontados com uma crise sistêmica de intensidade sem precedentes. A catástrofe ecológica piora diariamente, as guerras intensificam-se por todo o lado, o nacionalismo e os movimentos fascistas espalham-se por todo o globo. Para satisfazer sua sede sem fim em busca do lucro, o sistema mundial capitalista está a destruir o ambiente e, em última análise, a roubar à humanidade a sua base de vida. Experimentamos as consequências em todos os lugares, seja na vida pessoal ou no meio ambiente: isolamento social, feminicídio, pobreza, miséria, violência e desastres ambientais. Estamos a crescer num mundo catastrófico e recusando-nos a aceitar a realidade que nos é apresentada. Os jovens de todo o mundo estão a organizar-se e a lutar por um futuro melhor. Para nós, ser jovem significa procurar a verdade, um mundo melhor e um amanhã melhor. Estamos convencidos de que podemos conseguir isso. Se não formos nós que intervimos nesta crise, quem o fará? Se não começarmos a agir agora face a estes desastres, quando o faremos? Neste contexto, unimo-nos na rede "Youth Writing History/Juventude Escrevendo História" para colocar a nossa luta comum numa nova base.

Queremos discutir, criar redes, educar e organizar juntos. Então, nós, mais de 400 jovens pessoas de 49 países e 95 organizações, movimentos e partidos declaram que:



10 Princípios della Conferência Mundial da Juventude

1

UMA SOLUÇÃO PARA A ATUAL CRISE GLOBAL SÓ PODE SER ALCANÇADA FORA DO SISTEMA CAPITALISTA EXISTENTE e apenas através da construção de uma nova ordem mundial, justa e verdadeiramente democrática.

PARA ATINGIR ESTE OBJECTIVO, É NECESSÁRIA A UNIDADE DE TODAS AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS-REVOLUCIONÁRIAS E ANTI-SISTÉMICAS DO MUNDO. Como “Juventude Escrevendo História” trabalhamos com base no respeito mútuo pelas nossas diferentes formas de organização, formas de luta e tradições políticas. Além disso, trabalhamos ativamente na unidade mundial de todas as lutas e resistências que estão em contradição fundamental com o sistema dominante e sua ordem mundial.

2

3

A NOSSA REDE E ORGANIZAÇÃO COMUM BASEIAM-SE NO PRINCÍPIO DA “UNIDADE NA DIVERSIDADE”. Concentramo-nos nos princípios que nos unem, nos nossos objectivos comuns e na nossa oposição resoluta ao capitalismo, deixando espaço para diferenças, contradições e diversidade na teoria e na prática.

O NOSSO PONTO DE REFERÊNCIA COMUM É O INTERNACIONALISMO e a compreensão de que um mundo diferente só pode ser alcançado através da luta comum de todas as pessoas oprimidas em todo o mundo. Defendemos a fraternidade dos povos como valor fundamental da nossa rede.

4

5

LUTAMOS CONTRA TODAS AS FORMAS DE DOMINAÇÃO, exploração, o capitalismo e a sua ideologia, o liberalismo, que divide a sociedade sob a bandeira da falsa liberdade e promove o individualismo, o patriarcado e a destruição da natureza e estamos juntos contra o sexismo, o racismo e qualquer opressão baseada sobre gênero, identidade sexual, religião, deficiência, língua ou nacionalidade

ESTAMOS UNIDOS NA NOSSA LUTA CONTRA TODAS AS FORMAS DE OCUPAÇÃO E COLONIALISMO e reconhecemos o direito à legítima defesa de todas as sociedades. Consideramos que um dos deveres internacionalistas mais urgentes da juventude em luta é, antes de mais nada, lutar resolutamente contra as políticas imperialistas que se espalham a partir das nossas respectivas pátrias. Defendemos o direito à autodeterminação de todos os povos e declaramos a nossa solidariedade para com todos os povos oprimidos, especialmente o povo palestino e o movimento de libertação do Curdistão.

6

7

CONSIDERAMOS O FASCISMO COMO UM INIMIGO COMUM DA HUMANIDADE e o ressurgimento de tendências fascistas e revisionistas históricas como uma ameaça à paz e ao futuro das nossas sociedades. Como rede, apoiamos resolutamente os povos e a juventude na luta antifascista.

CONSIDERAMOS A JUVENTUDE COMO A PARTE MAIS DINÂMICA DE QUALQUER SOCIEDADE e o motor de qualquer mudança. Consideramos a organização autónoma da juventude, baseada na sua própria força e vontade independente, como uma garantia do papel pioneiro da juventude e a chave para a renovação constante das nossas lutas e organizações.

8

9

ESTAMOS FIRMEMENTE AO LADO DE TODOS OS POVOS EM LUTA e declaramos a nossa solidariedade com as lutas revolucionárias em todos os países. Consideramos os territórios libertados e auto-governados deste mundo, desde as regiões indígenas de Abya Yala, à Administração Autónoma do Norte e Leste da Síria, às montanhas livres do Curdistão, aos redutos dos movimentos de libertação e das lutas antiimperialistas na Ásia, bem como ao as lutas pela autodeterminação nacional no continente europeu e a luta contínua contra o colonialismo e o neocolonialismo em África, como postos avançados da humanidade livre. A defesa das conquistas das lutas das últimas décadas é a nossa tarefa comum.

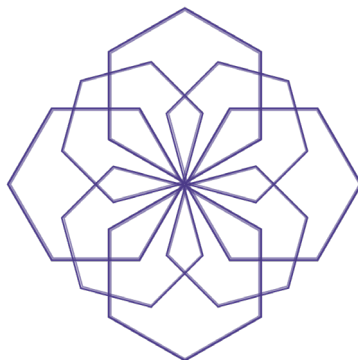
EMBORA OS GOVERNANTES DESTE MUNDO ATUEM EM CONJUNTO E DE FORMA COORDENADA CONTRA AS NOSSAS LUTAS, os seus aparelhos repressivos trocam informações e perseguem opositores e revolucionários através de todas as fronteiras nacionais, os nossos movimentos e lutas permanecem frequentemente isolados uns dos outros. Os governantes são coordenados em todo o mundo, por isso contamos com a coesão global e a solidariedade internacional. Onde quer que os nossos movimentos sejam atacados e perseguidos, apoiar-nos-emos e apoiamos uns aos outros. Juntos trabalharemos pela liberdade de todos os prisioneiros revolucionários. No meio da campanha global pela liberdade do revolucionário Abdullah Öcalan, que começou no dia 10 de Outubro, declaramos o nosso apoio às exigências da campanha "Liberdade para Abdullah Öcalan - Uma solução política para a questão curda!"

10

A NOSSA COOPERAÇÃO E COLABORAÇÃO BASEIAM-SE NOS PRINCÍPIOS ACIMA MENCIONADOS. Podemos ter diferentes formas de pensar e podemos ter diferentes métodos, formas de trabalhar e tradições nos nossos movimentos. Diferimos das nossas culturas e línguas, alguns de nós provêm de grandes movimentos e outros de movimentos mais pequenos. Mas não vemos as nossas diferenças como um obstáculo. Em vez disso, vemos esta diversidade como uma riqueza e, nesta base, queremos discutir juntos, aprender uns com os outros e unir forças. As nossas diferenças são as nossas forças, não nos enfraquecerão, mas nos fortalecerão no nosso caminho comum. O nosso ponto comum fundamental é a nossa oposição ao capitalismo, a nossa insistência na humanidade. Perante a crise global, a guerra cada vez maior, a catástrofe ecológica, a escravização das mulheres e um sistema que tenta roubar-nos o nosso direito a um futuro digno, as nossas diferenças e contradições devem ficar em segundo plano. Como jovens de hoje, temos uma responsabilidade perante a história que devemos cumprir. Não queremos mais esperar pelo amanhã, queremos construir uma vida livre aqui e agora. E estamos dispostos a lutar por isso.

ESTE MUNDO E A HUMANIDADE PRECISAM DE UMA JUVENTUDE QUE TENHA VONTADE E FORÇA, seja organizada, acredite em si mesma e seja radical. Os problemas actuais não serão resolvidos dentro do sistema capitalista; procurar soluções dentro da jaula do capitalismo não traz nenhuma vantagem. O capitalismo levou a humanidade à beira do abismo. A nossa sobrevivência só é possível através da derrota do capitalismo e da construção de uma vida diferente e de um mundo diferente. As conclusões que tiramos da situação actual mostram muito claramente que devemos unir-nos e tornar-nos uma força organizada no mais curto espaço de tempo possível. O que é necessário é uma unidade de espírito e força entre os jovens pessoas em luta em todo o mundo. Se em 1848 o Manifesto Comunista, que ainda hoje influencia milhões de pessoas, clamava “Proletários de todos os países, uni-vos!”, hoje queremos assumir este legado e gritar:

**«Jovens de todos os países,
univos e mudem este mundo!»**



Paris, 05 de novembro de 2023
1a Conferência Mundial da Juventude - "Youth Writing History"

Uma mensagem de Komalên Ciwan à Conferência Mundial da Juventude



Durante a Conferência Mundial da Juventude, várias organizações juvenis não puderam participar, devido à repressão estatal e às políticas fronteiriças discriminatórias. Em vez disso, alguns participaram enviando mensagens de vídeo gravadas. Entre eles estava Komalên Ciwan.

A «Associação da Organização da Juventude Democrática do Curdistão», abreviada como Komalên Ciwan, é a maior união de organizações juvenis democráticas no Curdistão e inclui associações, clubes e coletivos juvenis de todas as quatro partes do Curdistão. O estatuto da federação afirma que «Komalên Ciwan é constituído por associações, organizações, sindicatos, assembleias e comunas, que se organizam com base no desenvolvimento de uma sociedade democrática e de uma vida livre de acordo com a perspectiva da Nação Democrática»

Na mensagem, Özgür Şerker, membro da coordenação de Komalên Ciwan, fala sobre o significado histórico da conferência e a necessidade de todos os povos do mundo se unirem contra as forças da Modernidade Capitalista, unidos sob a vanguarda dos jovens e das mulheres. Reproduzimos aqui a mensagem na íntegra.



“Os jovens podem mudar o mundo se unirem forças, vontade e crença”

Caros camaradas,



Ozgür Şerker, em sua mensagem gravada para a conferência

Em nome do movimento juvenil apoísta, Komalên Ciwan, Enviamos-lhe as nossas mais calorosas saudações e respeito. Parabenzamos vocês, jovens do mundo, por esta primeira Conferência Mundial da Juventude.



Talvez nunca nos tenhamos visto, nem tivemos a oportunidade de nos conhecer. Talvez tenhamos origens muito diferentes. Alguns de nós somos do Médio Oriente, Ásia ou África; outros são da Europa ou de Abya Yala. Podemos vir de nações diferentes com crenças, culturas e tradições diferentes. Mas temos certeza de que nossos corações batem pela mesma causa. Somos

buscadores no caminho da liberdade; somos lutadores por uma vida livre. É por isso que queremos enfatizar a importância do nosso encontro através da Conferência Mundial da Juventude, para ficarmos ombro a ombro e darmos as mãos. É de extrema importância histórica para nós. É por isso que nós, o movimento juvenil Apoísta, estamos muito entusiasmados, felizes e alegres com a organização desta conferência. Podemos ver a tentativa de reavivar o espírito do movimento juvenil de 68. Podemos ver a vontade dos jovens de se tornarem a vanguarda da mudança no mundo de hoje. É por isso que estamos convencidos de que esta conferência será um grande sucesso e que alcançaremos grandes resultados com o espírito aqui criado.

Como todos sabemos, ao longo da história, a humanidade suportou muito sofrimento sob os vários sistemas de opressão. os governantes sempre atacaram e oprimiram o povo e causaram grande dor. muitos sacrifícios foram feitos ao longo da história da resistência. A humanidade tem sido confrontada com derramamento de sangue, violência, exploração, violação, genocídio e injustiça. este sistema, na forma da modernidade capitalista, atingiu o seu auge. O sistema da modernidade capitalista tornou-se global e tem como alvo a humanidade a um

nível universal. Podemos dizer abertamente que no século XXI a humanidade lamenta-se sob um ataque constante.

A modernidade capitalista é o maior inimigo da humanidade. É o inimigo de todos os valores humanos e foi criado nesta base e para este propósito. É assim que tenta se sustentar e, portanto, os seus ataques continuam em todo o mundo. Só há uma coisa que conta para o capitalismo: o lucro, o sistema de compra e venda. Para o interesse dos governantes e das elites, nenhum valor é tão grande que não possa ser vendido. Nenhum princípio é seguido e nenhuma moral permanece. Tudo é apropriado pelos seus interesses para sustentar o sistema de poder. Esta é uma realidade que podemos testemunhar hoje na guerra entre Israel e o Hamas. O Médio Oriente está envolvido há milhares de anos numa guerra que não traz qualquer solução; portanto, é involuntariamente mantido num status quo de crise constante. Este não é o destino do Médio Oriente, mas sim uma situação criada pelos governantes e pela modernidade capitalista. Esses não são problemas que surgem da própria sociedade. A humanidade nunca escolheu conviver com esses problemas. Dizemos mais uma vez: aqueles que criaram estes problemas e são a razão do sofrimento das pessoas no Curdistão e de Abya Yala, nas pessoas da Ásia, de África e da Euro-

pa, é o sistema capitalista. O sistema priva a juventude da sua energia, as mulheres da sua liberdade e a humanidade como um todo de uma bela vida. Se quisermos compreender adequadamente a realidade do

sistema, temos de olhar para o Curdistão. O Curdistão é como um livro aberto para compreender a verdade da modernidade capitalista.

Durante cem anos, o sistema capitalista e os seus estados de frente no Médio Oriente, tal como o estado fascista turco, impuseram uma política genocida ao Curdistão. contra isso, durante 50 anos, a nossa luta pela liberdade no Curdistão, sob a liderança de Abdul-



**Somos buscadores no caminho da liberdade;
somos lutadores por uma vida livre**

lah öcalan, continuou. há 50 anos que travamos uma guerra existencial contra este sistema e, no decurso de tudo isto, fizemos sacrifícios abundantes. o nosso povo suportou muita dor, mas como resultado, hoje, a nossa luta está a espalhar-se pelo mundo, principalmente através dos esforços e pensamentos de öcalan. ao tomar öcalan como refém na ilha de Imrali, as forças capitalistas queriam isolá-lo como fonte de pensamento livre e de vida da humanidade. Desde então, passaram-se 25 anos de tortura e isolamento, que se intensificam a cada dia. por mais que estes ataques se tenham intensificado, öcalan nunca recuou. ele não foi silenciado no imrali e nunca desistirá da luta.

Pelo contrário, com a sua luta notável, tornou-se fonte de inspiração e liberdade para muitos povos, permitindo-lhe romper os muros do imrali. ele criou uma alternativa significativa à modernidade capitalista com a sua filosofia da modernidade democrática. a partir do novo paradigma desenvolveu-se uma perspectiva de esperança para o povo curdo e para todas as pessoas que lutam pela liberdade. se hoje nós, o movimento juvenil apoiista, podemos liderar uma revolução como esta no Curdistão, e se podemos lutar e discutir com o nosso livre arbítrio e construir com base na força do pensamento e das ideias que temos em nós mesmos, é por causa de öcalan. é por isso que queremos partilhar o que descobrimos e o que öcalan analisou brilhantemente sobre imrali: Até que os problemas no Médio Oriente sejam resolvidos, os problemas globais também não serão resolvidos. Se um povo ainda é oprimido, o resto do mundo também não pode considerar-se livre. Se hoje o povo de Abya Yala não consegue viver uma vida livre com pensamentos livres, então no Curdistão ninguém pode ser livre também. Se hoje o povo palestino não é livre, então o povo judeu também não pode ser livre. Se as mulheres e os jovens da sociedade não conseguem desempenhar o seu papel de vanguarda, esta sociedade também não pode definir-se como livre. Descobrimos isso como resultado de 50 anos de luta. Hoje, acreditamos que ganharemos ainda mais esperança e força com esta conferência. Quanto mais conseguirmos difundir a luta pela modernidade democrática em todas as partes do mundo, mais estaremos convencidos de que acabaremos com o sistema opressor e criaremos uma vida livre.

Esta Conferência Mundial da Juventude é um desafio para os opressores e para o sistema da modernidade capitalista. Tal como o movimento de 68, com o seu espírito jovem, escreveu a história e espalhou-se por todo o mundo, fez tremer o sistema e impulsionou uma revolução social e cultural, hoje esta conferência tem o mesmo significado. Hoje, dizemos ao mundo inteiro, não se pode mais conter os povos oprimidos que lutam pela sua liberdade com a vossa crise. Com a sua política,

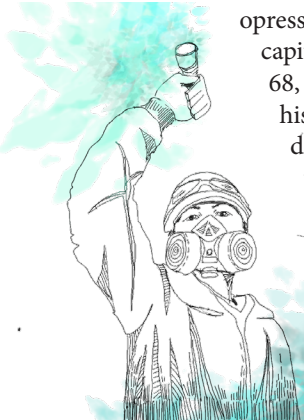
you não pode mais nos enganar. A juventude não aceitará mais ser degradada em uma força sem sentido. Você não pode mais usar os jovens como ferramentas para seus interesses de poder. Hoje possuímos grandes ideias e conhecimento e podemos mudar o destino do mundo. Esta Conferência Mundial da Juventude é o lugar certo para provar isso. Esta conferência demonstra que os jovens, da Ásia à África, do Curdistão à Europa, podem mudar o mundo se unirem a sua força, vontade e crença. Não precisamos desses opressores. Não precisamos desses senhores da guerra. Mais do que nunca, a humanidade merece viver em liberdade. Merece viver uma vida melhor baseada na beleza, nos valores morais comuns e na unidade.

Nós e todos vocês estamos criando esta esperança hoje. Estamos convencidos de que esta conferência trará ganhos importantes como resultado de suas discussões e decisões. Mesmo que as circunstâncias não nos tenham permitido participar fisicamente nesta conferência, os nossos corações estão convosco. Acreditamos que as ideias da modernidade democrática e a linha do confederalismo democrático podem fornecer soluções com coragem e profundidade para as discussões e análises dos nossos problemas como jovens durante esta conferência. Os governantes temerão os resultados desta conferência e, com base nisso, pensamos que iniciaremos juntos uma nova fase de luta. Esperamos que essas discussões não permaneçam apenas na conferência. Com estas discussões e as decisões a serem tomadas, criaremos uma frente comum, unida e mundial para a juventude em dificuldades. Sentiremos todos os problemas de todas as sociedades no fundo dos nossos corações e mentes. Nos levantaremos contra todas as injustiças; não ficaremos calados. E o que é mais importante, assim, nos tornaremos a vanguarda do nosso povo e dos povos do mundo.

No final, enviamos mais uma vez as nossas saudações a todos os participantes da conferência com grande entusiasmo. Declaramos nosso amor por todos vocês e temos certeza de que alcançarão resultados no caminho para a vitória final.

Viva o espírito do movimento de 68! Viva a juventude do mundo! Viva o internacionalismo! Serkeftin! Serkeftin! Serkeftin!

Gravado em novembro de 2023 nas montanhas livres do Curdistão



A PRIMEIRA CONFERENCIA TRI-CONTINENTAL DE 1966

"Criar dois, três...

muitos Vietnameses!"



Por Olegario Hévi

A primeira conferência de solidariedade dos povos da Ásia, África e América Latina, a Conferência Tricontinental, foi realizada de 3 a 15 de janeiro de 1966 na cidade de Havana, Cuba. Esta enorme reunião reuniu mais de 500 representantes de oitenta e dois países do Sul global, representando partidos políticos, movimentos sociais e organizações anti-imperiais, bem como sindicatos e grupos de estudantes e de mulheres.

A Conferência contou com a presença de quadros revolucionários, falando em nome dos povos dos três continentes explorados, todos unidos na sua luta pela libertação. Nunca antes uma tal reunião de representantes de África, Ásia e América Latina tinha sido convocada num só lugar. Apesar das diferentes realidades, culturas, crenças, métodos de construção e filosofias de cada sociedade, foi identificado um denominador comum: a luta contra o

A solidariedade e o internacionalismo assumiram uma nova face, impulsionados pelo Sul global

colonialismo, e especificamente o imperialismo americano, que era considerado a ameaça mais perigosa a todos os processos revolucionários da época. A solidariedade e o internacionalismo assumiram uma nova face, impulsionados pelo Sul global.

Naquela conjuntura histórica, o mundo estava no meio da Guerra Fria, um cenário que via o globo polarizado entre os blocos comunista e capitalista, com a União Soviética e

os Estados Unidos liderando cada um, respectivamente. Entretanto, em África, revoltas fervorosas do povo, incorporadas em movimentos de libertação nacional contra o colonialismo e o imperialismo ocidental, abalavam os velhos sistemas.

Esta situação fez com que importantes delegações do

Congo, do povo do Zimbabué da Rodésia do Sul e dos Movimentos de Libertação de Angola e Moçambique participassem na Conferência com especial urgência. Destaca-se também a presença do lendário Amílcar Cabral, em representação do povo guineense que luta contra o colonialismo português. Apenas um ano após a Conferência, Cabral foi assassinado. A delegação da União Soviética foi convidada como observadora para o encontro dos povos do Sul global.

A Conferência Tricontinental também contou com a presença de líderes proeminentes do movimento revolucionário latino-americano, incluindo o chileno Salvador Allende, o guatemalteco Luis Augusto Turcios Lima, o guianês Cheddy Jagan, o venezuelano Pedro Medina Silva e o uruguaio Rodney Arismendi. Além disso, participaram do evento representantes de diferentes facções da Organização para a Libertação da Palestina. Vários chefes de Estado que não puderam comparecer pessoalmente enviaram mensagens, como o vietnamita Ho Chi Minh, o líder da RPDC, Kim Il Sung, o egípcio Gamal Abdel Nasser, o argelino Houari Boumedienne e o tanzaniano Julius Nyerere. Durante esta Conferência foram debatidos múltiplos temas económicos, políticos e culturais, cujo impacto ressoou para além do evento. No livro “Três Continentes, Ásia, África, América Latina”, editado em maio de 1966 pela Prensa Latina, encontram-se os temas discutidos e analisados pelas delegações durante o evento, culminando na análise da situação política de todos os países participantes.

Esta conferência surgiu de duas dinâmicas precedentes fundamentais. Uma delas foi a organização de estados do movimento anticolonial, que fundou o Movimento dos Não-Alinhados (NAM) em 1961, que incluía não apenas regimes radicais, mas também aqueles com uma atitude mais conciliatória em relação ao imperialismo. Da mesma forma, houve movimentos com guerras de libertação nacional não concluídas, que tinham um carácter mais radical, e estes reuniram-se na Organização de Solidariedade Afro-Asiática (OSPAA) de 1957.

A alma notável e a força motriz por trás da Conferência Tricontinental foi o marroquino Mehdi Ben Barka, que infelizmente não viveu para ver os seus esforços. Dois meses antes, em 29 de outubro de 1965, foi sequestrado em Paris, torturado e brutalmente assassinado. Acredita-se que o seu assassinato tenha sido orquestrado pela inte-

ligência militar americana, marroquina e israelita, embora três indivíduos tenham sido condenados pelos tribunais franceses como perpetradores. Apesar disso, o caso continua sem solução e os autores intelectuais deste crime político nunca foram levados à justiça.

O slogan de Che Guevara, “criar dois, três... muitos Vietnams”, também surgiu como uma orientação para garantir a liberdade e a independência dos povos

A Conferência Tricontinental demonstrou a diversidade do movimento revolucionário global e o seu interesse comum. Assistiu a um debate profundo dentro do movimento revolucionário, incluindo ecos da disputa entre as visões comunistas soviética e chinesa.

Surgiram também debates sobre os caminhos para o socialismo, particularmente no que diz respeito à luta armada versus outros métodos de transição pacíficos; bem como as alianças e solidariedades necessárias a serem forjadas internacionalmente. Nessas discussões foram ouvidas as posições cubanas e de Allende do Chile. Fidel Castro enfatizou que “é dever de todo revolucionário fazer a revolução” e criticou a falta de apoio eficaz



e consistente do bloco socialista ao Vietname, que estava sob ataque dos EUA desde 1955. Ele atribuiu esta fraqueza ao intra- desacordo comunista, que ele caracterizou como "discórdia bizantina".

O slogan de Che Guevara, "criar dois, três... muitos Vietnames", também surgiu como uma orientação para garantir a liberdade e a independência dos povos. Sem ir contra a via cubana, Allende expressou o seguinte: "Será o próprio povo do Chile, e as condições do nosso país, que determinarão se usaremos este ou aquele método para derrotar o inimigo imperialista e os seus aliados". Mais tarde, Allende salientou: "Estamos ao lado dos povos da Ásia e de África e do mundo árabe, que lutam com armas no Congo, nas colónias portuguesas, no Iémen, no Laos, especialmente no Vietname, contra o inimigo comum. Acreditamos que as suas lutas são ajudas valiosas para os povos latino-americanos que, à sua maneira e em cada frente, se opõem ao imperialismo. Estamos ao lado dos combatentes da Guatemala, da Colômbia, da Venezuela, do Peru e, especialmente, do corajoso povo dominicano, cujo heróico batalha com a qual nos solidarizamos para conquistar sua liberdade e expulsar os invasores ianques.



Também estamos ao lado daqueles que lutam para derrotar o imperialismo.”

É verdade que a participação dos jovens e das mulheres foi fundamental neste acontecimento político. A maioria dos revolucionários que compareceram eram jovens militantes e quadros, e os registos audiovisuais mostram a presença significativa de mulheres. No entanto, encontrar documentação que detalhe especificamente as actividades das mulheres e jovens presentes, de uma forma profunda e exaustiva, é um desafio.

Desta Conferência surgiu a Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), cujo Secretariado Executivo, com representantes dos três continentes, está sediado em Havana, Cuba, até hoje. Da OSPAAAL surgiu a “Revista Tricontinental”, espaço de informação, denúncia e solidariedade militante. Nos seus números, além de artigos escritos, foram publicados diversos cartazes que contribuíram significativamente para fortalecer a luta, conscientizar o mundo e denunciar o que estava acontecendo contra as lutas populares.

A posição internacionalista de Cuba era clara e poderosa. Fidel Castro disse: “Sem ostentação, sem qualquer modéstia, é assim que os revolucionários cubanos entendem o nosso dever internacionalista, e é assim que o nosso povo entende os seus deveres, porque entende que o inimigo é um e o mesmo, aquele que ataca nós em nossas costas e em nossas terras é o mesmo que ataca os outros. E é por isso que dizemos e proclamamos que o movimento revolucionário pode contar com os combatentes cubanos em qualquer canto da Terra. Nosso povo se sentiu como seu, cada um e cada um dos problemas dos outros povos. O nosso povo acolheu-os de braços abertos e despediu-se deles de braços fechados, como símbolo de um vínculo que nunca se romperá e como símbolo da sua solidariedade fraterna para com outros povos que lutam, por quem também estão dispostos a derramar seu sangue. Pátria ou morte! Nós venceremos!

Sem dúvida, este evento serve como um importante ponto de referência na história dos movimentos revolucionários. Contudo, como internacionalistas do movimento Apoísta, devemos adoptar uma perspectiva crítica para construir e fortalecer movimentos revolucionários em todo o mundo. Deveríamos nos perguntar: por que esta proposta internacionalista não avançou e se fortaleceu significativamente? Será talvez porque foi criado dentro da dinâmica e da lógica dos Estados-nação, sem questionar a civilização capitalista? Como podemos abrir debates sobre as nuances e as novas faces do imperialismo e da luta anti-imperialista no nosso tempo? Como podemos promover mais discussões dentro da esquerda internacional para questionar a realidade dos Estados-nação e das forças que compõem esta modernidade capitalista? Como podemos propor e construir uma proposta internacionalista para o nosso tempo atual, ao mesmo tempo que aprendemos com estes precedentes?

A todos os honoráveis revolucionários de Mianmar

Uma mensagem das forças de autodefesa do YPG e do YPJ em Rojava para as forças de resistência de Mianmar

Em Janeiro de 2021, em Myanmar, um golpe de Estado liderado pela junta militar interrompeu brutalmente o processo de democratização iniciado alguns anos antes. Após a repressão sangrenta dos protestos em massa contra o golpe, centenas de jovens deixaram as cidades e foram para a selva e para o campo. Aqui, entraram em contacto com organizações étnicas armadas que já lutavam há várias décadas contra o Estado central e a sua negação do seu direito à autonomia.

Em dezembro, as forças de autodefesa do YPG/YPJ enviaram uma mensagem de apoio à resistência em Myanmar, respondendo a uma mensagem anterior de solidariedade com a revolução no Norte e no Leste da Síria por parte das Forças de Defesa das Nacionalidades Karenni, que publicámos no anterior questão (#12).

Desde então recebemos a triste notícia de que o comandante Sayar Richard, responsável pela organização da mensagem de solidariedade, foi martirizado juntamente com outros 20 camaradas num ataque aéreo. Da nossa redação expressamos a nossa solidariedade às suas famílias e a todas as pessoas que lutam no estado de Karenni e em Mianmar em geral.

Entretanto, os combates continuam, com a junta a perder o controlo de muitos territórios e a parecer incapaz de recuperar a vantagem. Para obter uma imagem mais clara deste contexto em mudança, os camaradas da Associação Anarquista de Yangon, que estão envolvidos na resistência no terreno, enviaram-nos um texto detalhando os vários actores e questões em jogo. Entre as ambições imperialistas da China, os interesses das organizações mafiosas, os desejos estatais de certos grupos armados e a perspectiva de restabelecimento de uma democracia liberal promovida pelo governo no exílio, está a surgir um caminho alternativo: o da libertação revolucionária através da auto-organização do povo.





Imagem da mensagem gravada por YPG/YPJ no Norte e Leste da Síria, 2023

Saudamo-los com a nossa crença de que a construção de uma sociedade livre é possível através do papel de liderança da liberdade das mulheres e da fraternidade dos povos, o que criará um mundo mais bonito. Portanto, com toda determinação e resolução, travaremos esta luta em nome de toda a humanidade e, com base nisso, enviamos-lhes as nossas saudações cheias de amor e respeito.

A perspectiva e o paradigma do Líder Öcalan, representado pela civilização democrática e pela organização da autogestão, que se baseia na vontade e na representação conjunta de ambos os sexos longe das ferramentas de poder como o Estado e outros, e no modelo de O Confederalismo Democrático tem a capacidade de resolver todas as questões relacionadas com a liberdade para o século XXI. Essa perspectiva lança luz sobre a relação autoritária do homem sobre os outros, do homem sobre a natureza, e também sobre a autoridade dos homens imposta às mulheres como questões básicas e, portanto, à medida que são analisadas, fica claro o poder de resolvê-las. Com base na aproximação à igualdade e ao equilíbrio na natureza, a realidade da liberdade das mulheres e dos homens será capaz de frustrar todas as políticas de ditadura, fascismo e gênero e, ao resolver os problemas dos povos, transformará o mundo numa situação em que a vida livre pode ser vivida. A nossa luta depende destes princípios e, com base neste conceito, o significado e o valor da nossa luta conjunta convosco é mais importante do que qualquer outra coisa.

O estado fascista turco realiza diariamente ataques ilegais ao nosso povo e à nossa terra, no meio do silêncio internacional em relação a ele. Por isso, rejeitamos veementemente as políti-

cas das potências dominantes que usam o Estado turco como um bastão contra nós. Agradecemos sua mensagem, que compartilha nossa dor e apoia nossa firmeza. Sua postura solidária e suporte aumenta nossa força e determinação, e agradecemos muito.

A crise que atravessa o Estado e os sistemas de autoridade criam problemas e aprofunda-os dia após dia. As forças do poder atacam o povo de formas brutais e fascistas para impedir que o povo construa a sua fonte livre. Na verdade, estes regimes autoritários atacam duramente as pessoas, as mulheres, os povos oprimidos, as minorias e as identidades culturais, seja no campo militar, seja no campo ideológico, político e social, e desta forma tentam dificultar a luta pela liberdade. Tentam repetidamente transformar as terras dos povos oprimidos em campos de batalha, para que possam, por um lado, impedir o desenvolvimento democrático e, por outro lado, explorá-las como instrumentos

E no modelo de O Confederalismo Democrático tem a capacidade de resolver todas as questões relacionadas com a liberdade para o século XXI

de resolução e concluir novos acordos com países dominantes. Apesar disso, com a luta pela liberdade que dura há quase 50 anos, liderada pelo Líder Öcalan, e com a Revolução de Rojava liderada

por mulheres, a revolução democrática do povo ganhou a oportunidade de se definir. Ao lutarmos contra o ISIS, conseguimos pôr fim aos conflitos racistas que se transformaram em guerras civis entre os povos da região. Com a opção de uma vida partilhada dos povos, que definimos como a “Nação Democrática”, foram dados os passos necessários para concretizar este ideal. As potências hegemônicas capitalistas e os estados regionais que se opõem à nossa revolução estão a lançar incansavelmente ataques genocidas contra o povo curdo. A nossa abordagem e modelo ideológico, que tem a perspectiva de resolver todos os

problemas do povo, assustou as potências dominantes e, como resultado, estamos sujeitos a tais ataques diante dos olhos de todo o mundo.

Vocês, o povo de Mianmar, têm múltiplas identidades e culturas, e também têm muitas dinâmicas democráticas fortes. Portanto, eles estão tentando controlá-los e suprimi-los usando os métodos da junta fascista e militar. Porque possuem conhecimentos revolucionários e têm a oportunidade de espalhar a liberdade e a democracia por toda a região e pelo mundo, eles estão a tentar impedi-los com estes métodos ofensivos. Enquanto acompanhamos atentamente a sua luta, condenamos e rejeitamos o silêncio do mundo contra a opressão, a guerra suja e os ataques ilegais levados a cabo pela junta militar fascista contra o seu povo.

Para repelir esses ataques, vocês podem se organizar mais rapidamente e proteger seus direitos legítimos de acordo com o princípio da “autodefesa”. Apesar das suas capacidades limitadas, acolhemos a sua atitude sacrificial com grande admiração e respeito. A multiplicidade de identidades nacionais em Mianmar revela o fato de que pode ser um exemplo de unidade dos povos pela liberdade da região e do mundo inteiro. A vossa sociedade tem características fortes e compatíveis com o projeto de “Nação Democrática”. Serão capazes de proteger a sua própria identidade, por um lado, e poderão expressar-se como um grupo participativo, por outro lado. Nesta base, com esta força, a sua exigência de liberdade e a sua luta contínua, vocês serão capazes de frustrar os planos dos países capitalistas.

Definimos a liberdade das mulheres como a essência da existência da sociedade. Neste sentido, nós, como YPG e YPJ, abordamos estrategicamente e temos um exército construído nesta base. Na sua carta, o senhor destacou a importância da organização das mulheres no exército, e as mulheres têm um

papel proeminente na sua luta, e isso também é de grande valor para nós. Acreditamos que a liberdade das mulheres, na medida em que resolve conflitos de gênero, pode libertar a sociedade e, com base nisso, enviamos as nossas saudações especiais a todas as mulheres revolucionárias em Myanmar. Todos acreditamos que a luta baseada nos princípios da liberdade das mulheres vencerá inevitavelmente e terá a capacidade de libertar toda a sociedade. A organização e a filosofia das Mulheres Livres representam a consciência, a resistência e a vontade da sociedade. Dessa forma, temos plena confiança e convicção de que a sua causa legítima certamente prevalecerá na construção de uma vida livre e digna.

Acreditamos que a liberdade das mulheres, na medida em que resolve conflitos de gênero, pode libertar a sociedade

Partilhamos os mesmos sentimentos em relação à sua luta e também vemos a sua firmeza e resistência contra o re-

gime dominante no país e, na medida em que nos solidarizamos convosco, podemos fornecer o apoio e a assistência necessários. Nós, como forças de defesa, organizaremos a força da luta popular através da estratégia da “Guerra Popular Revolucionária” com conhecimentos táticos que eliminarão as técnicas fascistas do inimigo. Através da nossa crença na liberdade, lutaremos a guerra pela liberdade com toda a determinação e determinação até ao fim. Não nos retiraremos de forma alguma e transformaremos os valores de liberdade que representamos juntos num modo de vida. Para que esta revolução se transforme numa revolução regional e global, lutamos e lutaremos até ao fim e venceremos definitivamente. Com este orgulho e determinação, saudamo-lo mais uma vez e acreditamos que derrotará a junta fascista e qualquer forma de regime ditatorial. Com base nisso, desejamos-lhe a vitória na sua luta e você tem todo o nosso respeito.

**Com nossas saudações revolucionárias e respeito
10 de novembro de 2023
Comando Geral do YPG e YPJ**



Os mártires abrem o caminho

Por David Hampton, Comitê de Lêgerin do Reino Unido

Se não fosse por Anna Campbell, eu não estaria escrevendo este artigo. Mudei-me para Bristol – a cidade onde Anna viveu, lutou e partiu na sua viagem para Rojava – cerca de um ano e meio depois de ela ter sido martirizada. Quando me mudei para cá, não só não estava familiarizado com as ideias e objectivos do Movimento pela Liberdade do Curdistão, como nunca tinha ouvido o nome de Anna. Ao aprender sobre a sua vida, aprendi que as palavras Şehîd Namarin (mártires nunca morrem) constituem a base através da qual as memórias da luta são mantidas vivas. Estas palavras moldam a forma como nos relacionamos e agimos como revolucionários, como internacionalistas e como jovens que lutam por um futuro democrático.

Anna trocou Bristol por Rojava no verão de 2017 para se juntar ao YPJ e defender a revolução feminina contra o Estado Islâmico fascista. Lá, ela adotou o nome de batalha Hêlîn Qerecox. Ela estava em Rojava quando a ocupação turca de Afrin começou e pediu aos seus comandantes que a deixassem lutar lá, vendo esta tarefa como parte da mesma luta contra o fascismo. Foi aqui que ela foi martirizada por um ataque aéreo turco em 16 de março de 2018 (1). Antes de partir, ela esteve profundamente envolvida no trabalho antifascista e de solidariedade aos refugiados, trabalhou com a Bristol Hunt Sabetours para tomar medidas diretas contra a caça ilegal de animais e estava se organizando com a Cruz Negra Anarquista de Bristol para apoiar presos políticos. Cada uma destas lutas, e a alegria com que ela se envolveu nelas, representava o seu amor e desejo por uma sociedade verdadeiramente livre. Como internacionalista empenhada, a sua decisão de sair não foi um abandono destas lutas, mas antes um aprofundamento do seu compromisso com uma política de libertação e uma expansão da sua personalidade revolucionária.

A jornada de todos na luta é simultaneamente pessoal e coletiva

Uma jornada é pessoal, uma vez que as circunstâncias que afetam as suas decisões são únicas, e coletiva, uma vez que estas circunstâncias são criadas pelas decisões e sacrifícios de muitas pessoas que se interligam de maneiras além da nossa capacidade de compreensão. Tal como Rêber Apo

argumenta que “aqueles que não conseguem escrever correctamente a sua própria história de liberdade também não podem viver livremente”, traçar como os mártires moldaram os nossos próprios percursos numa luta colectiva é um passo vital para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária e internacionalista.

Meu primeiro encontro com Anna foi no centro social anarquista em Bristol, onde há belas obras de arte comemorando seu sacrifício. Este edifício, com salas de reuniões, uma biblioteca, um arquivo e uma cozinha comunitária, é um espaço vital tanto para estabelecer ligações com outros ativistas e movimentos como para a transmissão de conhecimento de lutas passadas com as quais continuamos a aprender. Como muitos de nós em Bristol, é um espaço que Anna frequentava regularmente.



Lembro-me de, ao ver esta obra, ter sido atingido por uma sensação de tangibilidade que inicialmente foi difícil de compreender. Crescendo no Reino Unido – o berço do capitalismo industrial e um centro central dos piores excessos da modernidade capitalista – aprendemos desde tenra idade que a política revolucionária é um mito infantil, que as revoluções são impossíveis e que as lutas são algo confinados à história que já não

têm qualquer relevância para a nossa sociedade.

Aprender sobre Anna virou tudo isso de cabeça para baixo e me forçou a tentar superar as contradições que havia internalizado

Aqui estava uma mulher que foi criada na mesma sociedade que eu, que viveu na mesma cidade que eu e que usou os mesmos espaços que eu, que deu a sua vida para defender uma revolução a milhares de quilômetros de distância. Ao aprender sobre ela, comecei a aprender o que o internacionalismo pode significar na prática, e fui inspirado a aprender mais sobre os pilares ideológicos da revolução que ela tinha deixado a sua casa para defender. Se Anna não fosse homenageada desta forma, não posso ter certeza de que algum dia teria experimentado esse sentimento que tem guiado minha política desde então.

Ajudou a concretizar ainda mais estes pensamentos quando

De Bristol a Rojava, Anna vive

soube que antes de partir Anna tinha ajudado a criar grupos de solidariedade no Curdistão, e que depois de ter caído no Şehîd, amigos e comunidades em todo o Reino Unido inspirados por ela expandiram esses grupos e assumiram a tarefa de espalhar os ideais do paradigma em todos os nossos movimentos. Na sua vida e na sua morte, Anna trouxe a estrela brilhante que o movimento representava para ela para a consciência de tantas pessoas que foram guiadas por ele desde então. Foi através da interação com esses amigos, esses grupos e essas estruturas que conheci o movimento em um nível mais profundo e me comprometi mais plenamente com ele. Os amigos que deram estes passos compreenderam que não podemos ver o martírio como algo preservado num momento de perfeição idealizada, mas como algo que existe ativamente nas nossas lutas. Lembrar verdadeiramente de Anna significa lutar pelas ideias pelas quais ela morreu e lutar com a alegria com que lutou por elas.

No início deste ano tive o privilégio de participar na Primeira Conferência Mundial da Juventude em Paris com uma pequena delegação de Bristol

Aqui, conhecemos jovens revolucionários de todos os continentes, todos reunidos pelo seu desejo de aprender com o Movimento de Liberdade do Curdistão e de nos conectarmos uns com os outros como jovens internacionalistas que lutam através de fronteiras arbitrárias impostas pelo Estado. Talvez a coisa mais bonita que experimentamos nesta conferência tenha sido o Muro dos Mártires, com uma mesa adornada com imagens de Şehîds e rodeada por imagens de jovens mártires de diferentes lutas de libertação históricas e contemporâneas. Para nós, pareceu-nos apropriado podermos contribuir com uma imagem de Şehîd Anna Campbell para esta mesa e partilhar a sua recordação com todos os outros presentes que foram inspirados pela sua luta. Para mim, parecia que tinha fechado o círculo e dado um passo mais perto de alcançar uma síntese dos aspectos pessoais e coletivos da minha jornada.

Acima de tudo, senti-me ainda mais determinado a continuar a lutar por um futuro livre, comunitário e democrático



A beleza de lembrar Şehîds é que em todo o mundo Anna é lembrada de forma diferente, mas fornece a mesma inspiração. A forma como ela é lembrada em Bristol permite-nos conectar-nos à sua vida e à sua luta de uma forma tangível, ao imaginá-la em espaços familiares realizando tarefas familiares para pessoas familiares. Assim, embora a sua imagem brilhe em todo o mundo como uma jovem internacionalista que deu a sua vida defendendo a revolução das mulheres, para nós, em Bristol, ela é igualmente a pessoa que cozinhava refeições comunitárias no centro social. Lembramo-nos dela não apenas como uma lutadora internacionalista, mas como uma antifascista, uma abolicionista das prisões, uma feminista e uma amiga. Todos estes aspectos da sua luta são inseparáveis e lembrá-los permite-nos continuar a lutar. E embora a forma como nos conectamos com ela seja diferente de como uma jovem em Rojava que vê a sua imagem no Komal pode se conectar com ela, na lembrança todos nós nos conectamos a algo maior, a um horizonte comum e uns aos outros.

Embora este artigo tenha sido escrito sobre Şehîd Anna Campbell, uma vez que ela é mais familiar para mim no meu contexto, os mesmos sentimentos que descrevi podem ser aplicados a qualquer pessoa que tenha caído na

luta pela liberdade.

Todo mártir veio de algum lugar. Cada mártir tinha amigos e familiares com quem compartilhavam a beleza da vida. E todo mártir tinha uma razão para lutar

Não deixe que eles se tornem abstratos em sua morte e confinados apenas à memória. Onde quer que você esteja no mundo, pesquise e descubra seus mártires, conecte-se com eles, mantenha sua memória viva em sua luta e deixe-a inspirar outros, como a lembrança de Anna fez por mim e por muitos outros camaradas. **Se os mártires nunca morrerem, Ana sempre viverá.**

1. Se quiser saber mais sobre sua vida, você pode ler sua biografia na edição 7 de Lêgerîn "Em Memória de Şehîd Hêlin Qereçox - Şerda Intikam"

Şehîd

Hêlîn

Qereçox

Anna Campbell
1991 - ∞

"Ou vou
para casa e
abandono a

vida de
revolucionário,
ou você me
manda para
Afrin...

mas
eu
nunca
deixaria a
revolução,
então irei
para Afrin!"



Cada geração deve descobrir sua missão

Em memória de Frantz Fanon



Por Ka-Ubuntu

Libertação da Argélia do colonialismo francês, 1962

Frantz Fanon, psiquiatra revolucionário, escritor brilhante, lutou ardentemente contra todos os tipos de alienação. Nasceu com nacionalidade francesa nas Índias Ocidentais em 1925. Morreu como argelino em 6 de dezembro de 1961, aos 36 anos de idade, poucos meses antes da independência da Argélia, da qual participou ativamente. Criada em 2020, nossa organização independentista reunionesa e pan-africana, Ka Ubuntu, quer prestar homenagem a esse importante colaborador da independência na África. Compartilhamos sua visão de uma luta internacionalista, o direito à autodeterminação e a soberania de cada povo.

Nascido em 1925 em uma família de classe média na Martinica, Frantz Fanon foi profundamente marcado por sua herança racial e sua experiência na sociedade sob o domínio colonial francês.

Tendo crescido na Martinica colonizada, Fanon foi confrontado com a realidade da opressão colonial e com as consequências do racismo institucionalizado desde as primeiras lembranças de sua infância. Essas experiências moldaram sua percepção do mundo e criaram a base de seu compromisso decolonial.

Ao longo dos anos, Fanon desenvolveu uma análise profunda e uma crítica da dinâmica colonial, lançando luz sobre os mecanismos de dominação e os efeitos devastadores da colonização

sobre os povos colonizados. Seu trabalho ajudou a aumentar a conscientização sobre a necessidade de entender as estruturas coloniais para se livrar delas.

Em 1943, Fanon decidiu deixar a Martinica para se juntar às Forças Francesas Livres (Forces Françaises Libres) aos 18 anos de idade. Seu compromisso voluntário mostra seu desejo de contribuir para a luta contra o nazismo e as forças opressoras que ameaçavam a liberdade e a dignidade humana. “Toda vez que a dignidade e a liberdade humana são questionadas, nós somos afetados, brancos, negros e amarelos, e toda vez que elas forem ameaçadas em qualquer lugar que seja, eu me comprometeri com isso sem retorno” – Fanon.

Mas sua experiência no exército francês revelou rapidamente as contradições e injustiças que persistiam até mesmo no coração do aparato militar.

De fato, apesar de sua educação imbuída dos ideais da revolução francesa e dos princípios de igualdade e fraternidade, Fanon se deparou com uma realidade desconcertante. O exército francês, que deveria incorporar esses valores, acabou sendo inculcado de uma flagrante discriminação racial. Isso colocou em questão a própria base de sua identidade e sua relação com a França.

O jovem Fanon foi confrontado com o preconceito das tropas coloniais africanas, que eram tratadas de forma diferente e, muitas vezes, discriminadas, o que o deixou com um sentimento de profunda desilusão. Ele compartilhou essa desilusão em uma carta ao seus pais em abril de 1945, na qual expressou sua confusão em relação a essa realidade brutal: “Se eu não voltar, se vocês souberem um dia da minha morte nas mãos do inimigo, sintam-se confortados, mas nunca digam: ele morreu por uma boa causa [...]; porque essa ideologia errada, o escudo dos secularistas e dos políticos imbecis, não devem mais nos iluminar. Eu estava errado!”.

Essa experiência influenciou Fanon profundamente e marcou a base de sua reavaliação do colonialismo e de sua luta emancipação dos povos colonizados.

Sua experiência com o racismo e a gênese de sua obra, “Pele Negra, Máscaras Brancas”, estão intimamente ligadas. Fanon começou a escrever esse livro no final da década de 1940, enquanto estudava medicina em Lyon. “Pele Negra, Máscaras Brancas” foi publicado em 1952, quando Fanon tinha 27 anos. O livro é fruto de suas profundas reflexões sobre a mecânica racial e seu impacto na sociedade. Trata-se de um ensaio que explora a complexa dinâmica entre negros e brancos, examinando as consequências psicológicas herdadas do colonialismo.

Fanon, como precursor do pensamento decolonial, destaca que a colonização não se trata apenas de dominação econômica, mas também influencia as psicologias individuais e coletivas. Ele destaca como os colonizados, condicionados pelo sistema colonial, se integram e aceitam internamente sua suposta inferioridade, enquanto os colonizadores assimilam e reivindicam sua suposta superioridade. Por meio de seus escritos, Fanon incentiva os oprimidos a se libertarem desse aprisionamento psicológico, a se conscientizarem de sua própria identidade, de sua “negritude”. Entretanto, ele deixa claro que essa consciência é apenas um passo inicial para superar as categorias artificiais de negro e branco.

O objetivo de Fanon vai além de uma simples compreensão da dinâmica racial e colonial. Ele busca emancipar os indivíduos, incentivando-os a se libertarem das correntes mentais impostas por séculos de dominação. Fanon disse: “Não sou escravo da escravidão que desumanizou meus pais”.

Em 1953, Frantz Fanon decide se mudar para a Argélia, onde trabalha como psiquiatra no hospital de Blida. Fanon analisou o comportamento dos colonizados na Argélia e percebeu que apenas o tratamento psicológico não seria suficiente. No Congresso Internacional de Escritores e Artistas Negros, ele destacou o uso da exploração, da tortura, das razzias (saques) e

do racismo, que reduziam os nativos a objetos inertes nas mãos da nação ocupante. Para Fanon, era inútil lidar com as consequências sem atacar as causas, pois a colonização gerou mais distúrbios psicológicos do que ele poderia tratar como psiquiatria.

É por isso que, em 1954, ele se juntou ao Front de Libération Nationale (FLN), apesar das ameaças, ataques e expulsão, renunciando a sua nacionalidade francesa para se exilar em Túnis. Seus escritos na imprensa são lidos em todo o mundo,

defendendo o pan-africanismo e incentivando a internacionalização das lutas. Com relação a essa internacionalização das lutas, Fanon conquistou a estima de lutadores pela liberdade como Che Guevara, Mehdi Ben Barka, Amílcar Cabral, Agostino Neto, Nelson Mandela e muitos outros libertadores. Sua reputação entre os movimentos de independência cresceu quando ele se tornou embaixador geral do governo provisório argelino para África subsaariana em Gana.

Para Fanon, a busca pela liberdade exige sacrifício. Ele vê a insurreição como um dever, mesmo que isso signifique usar a violência. Sua principal obra, “Os condenados da terra” (“Les Damnés de la terre”, 1961), é uma análise dos processos de descolonização e suas repercussões. Nela, Fanon explica sua visão dos caminhos para a libertação, destacando o imperativo de uma revolução total para destruir as estruturas opressivas do colonialismo. Ele adverte sobre os riscos inerentes ao neocolonialismo e pede uma transformação radical das sociedades pós-coloniais.

“O regime colonial é um regime estabelecido pela violência. O domínio colonial sempre foi estabelecido pela força. Foi contra a vontade do povo que outros povos, mais avançados nas técnicas de destruição ou numericamente mais poderosos, se impuseram. Violência no comportamento cotidiano, violência em relação ao passado, que foi esvaziado de toda substância, violência em relação ao futuro” – Trecho de *L'an V de la révolution algérienne* (1959)

A visão de Fanon sobre a violência provocou uma grande controvérsia na França. Frequentemente criticado por sua posição como apologista da violência, é importante ressaltar que as críticas vêm principalmente de “propagandistas do imperialismo e defensores da hierarquia das civilizações... essencialmente os intelectuais orgânicos dos mercados”.

Em seus escritos, Fanon aborda a violência sobre o prisma da práxis, uma noção que integra tanto a teoria quanto a ação. Para ele, a violência não é apenas um meio ou um fim em si mesma, mas um elemento da práxis intimamente ligado à transformação social e à luta contra estruturas opressivas. Ele não glorifica

Fanon disse: “Não sou escravo da escravidão que desumanizou meus pais”



Frantz Fanon fazendo um discurso em Accra, Gana, em 1958

a violência por si só, mas a vê como uma ferramenta contextual em uma luta mais ampla pela emancipação. Em sua análise, Fanon aponta que a violência é frequentemente percebida como uma necessidade diante da opressão colonial. Ele a vê como uma resposta inevitável em situações em que os oprimidos se encontram em um impasse, confrontados por sistemas de poder e exploração profundamente arraigados. *“O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência me estado puro, e só pode se curvar diante de uma violência maior.”* - Os condenados da terra (1961)

Para Fanon, a violência revolucionária é uma estratégia tática usada para romper com a ordem colonial opressiva. É uma das formas de derrubar as estruturas de dominação, liberando a consciência dos oprimidos e incitando-os a reivindicar sua liberdade.

Fanon alerta sobre seus efeitos desumanizadores e alienantes, reconhecendo os efeitos psicológicos e físicos posteriores tanto nos oprimidos quanto nos opressores. Assim, ele enfatiza a importância da transformação social e psicológica pós-violência, envolvendo a reconstrução completa das sociedades descolonizadas. Ele enfatiza a desalienação pós-conflito e a reabilitação psicológica, e defende a reconciliação e a construção de uma sociedade verdadeiramente livre, baseada na igualdade, na justiça e no respeito mútuo. Essa conscientização ressalta a importância de uma compreensão completa das implicações da violência pós-colonial.

Na Ka Ubunutu, defendemos a ideia de que a violência pode se tornar inevitável quando todos os caminhos pacíficos são sistematicamente ignorados pelo sistema imperialista e colonialista. Os regimes coloniais se estabelecem em nossas nações por meio da violência. Vemos isso novamente hoje no conflito israelense-palestino.

Na Ilha da Reunião, os imperialistas construíram uma colônia de povoamento, introduzindo um sistema de escravidão motivado por interesses econômicos e imbuído de racismo. Um sistema de violência e crueldade indescritíveis. Após sua suposta abolição, o “contrato” assumiu o controle em nosso país. Os contratados na Ilha da Reunião era um sistema pelo qual os trabalhadores, geralmente da Índia, China, África, Madagascar ou Camarões, eram recrutados sob contrato para trabalhar nas plantações de açúcar após a abolição da escravidão. Esses trabalhadores, conhecidos como “contratados” (engagés, em frances), assinavam acordos por período fixo e, muitas vezes, eram submetidos a condições de trabalho severas e tratamento injusto. Deslocados e maltratados, os Contratados estavam destinados a

uma existência de servidão que, em muitos aspectos, os aproximava do status de escravos. Desde 1946, a Ilha da Reunião é um departamento francês localizado a 10.000 km de Paris. Essa departamentalização é uma continuação da colonização em uma forma diferente. O colonialismo francês é mantido na ilha, apresentando-se como estado de bem-estar social. Eles destilam no subconsciente da população de Reunião que, sem os franceses, eles não poderiam sobreviver. O tempo todo, as desigualdades econômicas e sociais são abundantes na ilha, uma realidade que ninguém pode negar. Hoje, a violência à qual

nosso povo está sujeito é sutil e muito mais perigosa do que os golpes de um bastão.

Os jovens enfrentam uma variedade de formas de violência

simbólica que tem um impacto significativo em seu desenvolvimento e bem-estar. A violência presente na juventude de Reunião pode se manifestar de forma sutil por meio da discriminação da educação, no emprego e no acesso a recursos. Essa discriminação contribui para perpetuar os ciclos de desvantagem socioeconômica.

A Ilha da Reunião, com um terço de sua população com menos de 20 anos (260.000), é a terceira região mais jovem da França, atrás de Mayotte e da Guiana Francesa. A taxa de desemprego entre os jovens chega a 32% em 2022, 2,5 vezes maior do que na França. Além disso, um número considerável de jovens é forçado a deixar a ilha para continuar seus estudos na França continental (2.300 estudantes por ano).

Os jovens de Reunião, marginalizados pelo sistema capitalista, estão mergulhados na delinquência e no abuso de drogas e álcool. Essa marginalização leva a uma militarização da juventude, como resultado da propaganda do estado colonial que visa recrutar esses jovens para seu exército. Portanto, é imperativo educar politicamente nossos jovens para que eles participem da emancipação da Ilha Reunião e derrubem a ordem colonial.

“Toda geração deve, em relativa opacidade, descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la”, disse Fanon. Cabe a cada geração preservar sua soberania, seu direito à autodeterminação, permitindo que seu povo, sua nação, se liberte de todas as formas de dominação estrangeira, usando todos os meios, inclusive a violência, se necessário.

“O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência me estado puro, e só pode se curvar diante de uma violência maior.” - Os condenados da terra (1961)

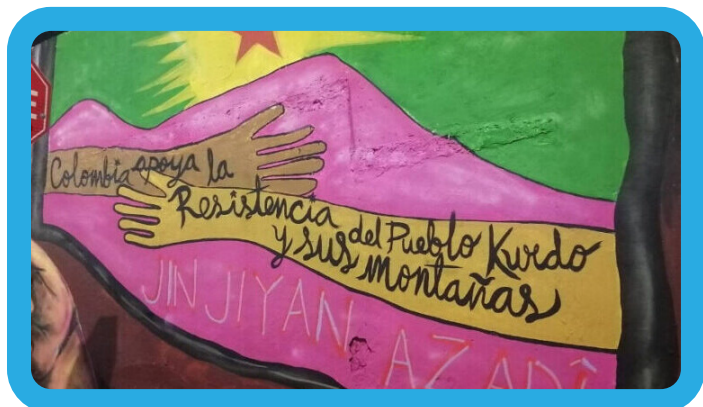


Juventude internacionalista em ação

Em todo o mundo, os jovens estão escrevendo história. Aqui compilamos algumas das ações que aconteceram de novembro de 2023 a fevereiro de 2024



Jovens mulheres celebram com uma noite cultural a finalização de um ciclo de leitura e discussão em torno do tema Jineoloji em Torino, Itália, em dezembro de 2023



Mural pintado em Bogotá, Colômbia, para denunciar os ataques do Estado turco contra o povo kurdo. Janeiro de 2024



Apresentação do Projeto Lêgerîn em Marselha durante evento musical em Marselha, França, em fevereiro de 2024



Seminário organizado no centro comunitário Kayole, no Quênia, pela liberdade de Abdullah öcalan, como parte da campanha global pela sua libertação. fevereiro de 2024



Longa Marcha Internacionalista pela Liberdade de Abdullah Öcalan. Caminhando de Basileia, na Suíça, até Estrasburgo, na França. Fevereiro de 2024



Marcha em massa em Colônia, Alemanha, no dia 17 de fevereiro, pela Liberdade de Abdullah Öcalan. Com a presença de dezenas de milhares de pessoas e liderada na frente pelo bloco internacionalista

Se quiser que compartilhem suas ações na próxima edição, envie-nos um e-mail para legerinkovar@protonmail.com com algumas fotos e informações sobre o assunto. Os jovens de todo o mundo estão se organizando e agindo, junte-se a eles!

O que acontece na história?

Marchar



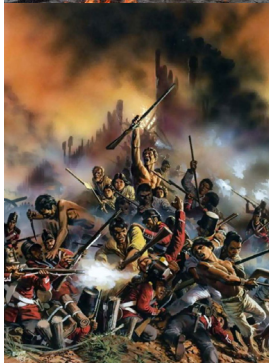
3 de março de 1816 [El Villar, Bolívia]

Juana Azurduy, uma mulher indígena no que hoje é a Bolívia, liderou a sua milícia feminina armada principalmente com fiskas e porretes até à vitória numa batalha contra os colonos espanhóis. Azurduy tinha um profundo apreço pelos povos indígenas da Bolívia e, além do espanhol, falava as línguas sul-americanas quíchua e aimará. Entre 1811 e 1817, Azurduy travou vinte e três batalhas no esforço para libertar a região. Quando a Guerra da Independência da Bolívia começou em 1809, tanto Azurduy quanto Padilla imediatamente se juntaram às forças revolucionárias e passaram a comandar um exército guerrilheiro de dois mil homens. Resistências como estas seriam decisivas na eventual retirada da Espanha de Abya Yala e na independência boliviana em 8 de agosto de 1825.



8 de março de 2021 [Cidade do México, México]

Depois de meses de confinamento devido aos bloqueios estatais por causa da Covid, o movimento feminista no México preparava-se para sair novamente às ruas em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Depois da mobilização do ano anterior ter levado centenas de milhares de pessoas às ruas, o governo de Manuel López Obrador, presidente do México, ergue enormes barreiras em torno do palácio presidencial, sabendo que depois de um ano de confinamento em que a violência doméstica e a violência de género aumentaram, a as mulheres estão prontas para sair mais uma vez às ruas. Mas, apesar da forte violência policial e da repressão, enquanto milhares de mulheres marcham na Cidade do México, conseguem derrubar uma parte das barreiras, mostrando mais uma vez que nem a violência estatal nem a violência patriarcal podem detê-las.



11 de março de 1845 [Aotearoa (Nova Zelândia)]

Ocorreu a Batalha de Kororareka, lançada por um pequeno grupo de insurgentes nativos Māori contra os colonizadores ingleses. As forças britânicas estavam em menor número e terminou com a tomada da cidade de Kororareka pelos rebeldes, demonstrando a sua oposição à colonização em curso das suas terras. Esta batalha foi um confronto da Guerra Flagstaff na Nova Zelândia, que se seguiu ao estabelecimento do controle britânico nas ilhas. Esta batalha foi travada entre 11 de março de 1845 e 11 de janeiro de 1846, dentro e ao redor da Baía das Ilhas, na Nova Zelândia.



21 de março de 1994 [Mannheim, Alemanha]

Na década de 90, na Alemanha, a repressão contra o Movimento de Libertação Curda tornou-se muito intensa, com muitas pessoas encarceradas, centros sociais fechados e símbolos do movimento banidos. Mas este ataque não foi dirigido apenas contra um movimento político, mas contra o próprio povo curdo. Isto ficou claro quando, em 1994, o governo alemão proibiu a celebração do Newroz, o dia do ano novo em muitas culturas da Páscoa Média e, particularmente para o povo curdo, um dia simbólico de resistência pela sua liberdade e existência. Em resposta, duas jovens mulheres curdas e militantes políticos, Bedriye Taş “Ronahi” e Nilgün Yıldırım “Berivan” decidiram atear fogo a si mesmas na noite de Nowroj, em 21 de março, na cidade de Mannheim, de mãos dadas. Esta acção teve um enorme impacto em toda a sociedade alemã e expôs a perseguição injusta do Estado alemão contra o povo curdo, forçando o Estado a recuar.



29 de março de 1985 [santiago, chile]

Em 29 de março de 1985, dois irmãos, rafael e eduardo vergara toledo, foram assassinados pela polícia em santiago, chile. rafael, 18 anos, e eduardo, 20, eram membros do movimento de esquerda revolucionária (mir), que travava uma luta de guerrilha contra a ditadura de

direita de augusto pinochet. por volta das 19h30, eles e outros quatro membros do MIR foram interceptados por uma patrulha policial perto de suas casas. Eles fugiram imediatamente, mas Eduardo foi baleado e, apesar dos apelos do irmão para deixá-lo, Rafael ficou com ele. Rafael foi então brutalmente espancado e baleado na cabeça. A data foi então comemorada não oficialmente por muitas pessoas como o Dia do Jovem Combatente, que é tradicionalmente marcado todos os anos por motins e ataques à polícia, em bairros operários de Santiago e noutras zonas pobres do país.

Abril

10 de abril de 1919 [Ayala, México]

Em 10 de abril de 1919, Emiliano Zapata, líder camponês durante a revolução mexicana de ascendência indígena e espanhola Nahua, foi assassinado em Chinameca, Ayala, pelo governo "revolucionário" de Carranza. Com a eclosão da revolução em 1910, Zapata tornou-se o líder do Exército de Libertação do Sul, uma milícia camponesa que lutava pela "tierra y libertad" (terra e liberdade). Depois que Francisco Madero assumiu o poder em 1911, Zapata denunciou-o por trair a revolução e elaborou o Plano Ayala: um programa radical de reforma agrária. O exército do sul de Zapata aliou-se aos exércitos revolucionários do norte, liderados por Pancho Villa e Venustiano Carranza. Logo derrubaram o governo e convocaram uma convenção para formar o novo governo, da qual Zapata se recusou a participar porque nenhum dos organizadores havia sido eleito. Carranza colocou uma recompensa pela cabeça de Zapata, esperando que um de seus próprios lutadores o traísse, mas nenhum deles o fez. No final, ele foi atraído para um encontro com um dos homens de Carranza e assassinado. Até hoje Zapata continua sendo um símbolo da resistência camponesa e indígena, inspirando o movimento zapatista a levar seu nome em sua homenagem.

14 de abril de 1816 [Barbados]

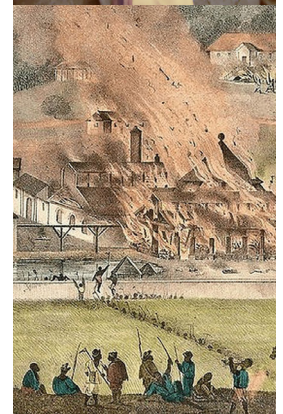
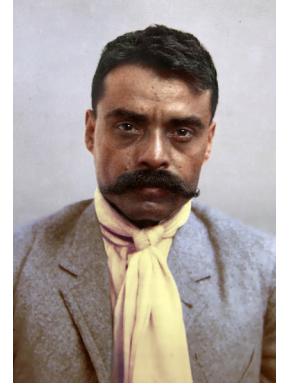
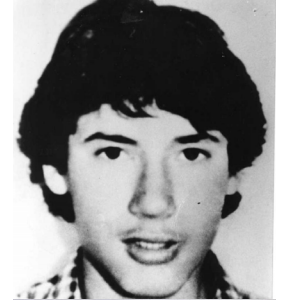
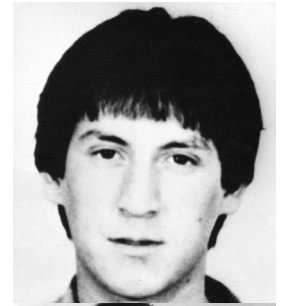
Em 14 de abril de 1816, uma revolta de escravos conhecida como rebelião de Bussa, em homenagem ao seu líder, eclodiu na noite do domingo de Páscoa em Barbados. Seria a maior rebelião de africanos escravizados da ilha. Os escravizados aproveitaram a liberdade temporária do trabalho e a cobertura do ajuntamento permitido para as festividades da Páscoa para se organizarem. A revolta começou com a queima de canaviais em St Philip, e logo cerca de 400 homens e mulheres que trabalhavam em mais de 70 outras propriedades aderiram. As autoridades coloniais britânicas declararam a lei marcial no dia seguinte e logo reprimiram o levante. Embora apenas dois brancos tenham sido mortos, 120 escravos foram mortos durante a repressão, com 144 executados e 132 deportados após a repressão. Bussa é hoje lembrado em Barbados como um herói nacional

18 de abril de 1960 [Coréia do Sul]

Em 18 de abril de 1960, estudantes sul-coreanos iniciaram uma série de manifestações que culminariam no que ficou conhecido como Revolução de Abril. As manifestações e greves estudantis foram uma resposta ao assassinato brutal de Kim Chu Yol, um estudante e manifestante anti-governo. Os protestos acabariam por depor o regime de Rhee e conduziram a um breve período de regime civil.

14 de abril de 1919 [Limerick, Irlanda]

Em 14 de Abril de 1919, em Limerick, na Irlanda, foi declarada uma greve geral em protesto contra a declaração pelos militares britânicos de uma "área militar especial" na região, o que levou à criação de um soviete (conselho de trabalhadores). Os trabalhadores assumiram o controle da cidade, fechando os bares, mantendo a ordem e organizando a distribuição de alimentos trazidos de toda a Irlanda e dos sindicatos da Grã-Bretanha. O comitê de greve criou o seu próprio jornal e depois imprimiu o seu próprio dinheiro, enquanto a presença das tropas britânicas na área aumentava. Em 27 de Abril, com os capitalistas





irlandeses e os líderes sindicais britânicos a retirarem o seu apoio ao Soviete, foi declarado encerrado com a promessa de que a designação militar especial seria retirada sete dias depois, o que aconteceu.

25 de abril de 1974 [portugal]

Em 25 de abril de 1974, a ditadura de direita do estado novo em Portugal foi derrubada por um golpe militar levado a cabo por oficiais de baixa patente do exército que formaram o movimento das forças armadas (MFA). quando oficiais leais à ditadura ordenaram às tropas que abrissem fogo, um motim de soldados rasos impediu efectivamente uma contra-revolução. os acontecimentos ficariam conhecidos como revolução dos cravos, pois poucos tiros eram disparados e as pessoas enfeitavam as tropas com cravos vermelhos e brancos que eram da época e eram muito vendidos nas ruas na época. o colapso do regime foi então seguido por uma revolta da classe trabalhadora que durou mais de 18 meses.

Maio

1º de maio de 1977 [Istambul, Turquia]

Em 1º de maio de 1977, ocorreu um massacre durante uma manifestação do Primeiro de Maio na praça Taksim, em Istambul, no qual pelo menos 34 pessoas foram mortas e até 220 ficaram feridas. até meio milhão de pessoas participaram da marcha do Dia Internacional dos Trabalhadores organizada pela Confederação dos Sindicatos Revolucionários (disco). nenhum perpetrador foi preso pelo massacre, mas entre os suspeitos estão a contra-guerrilha, a secção turca do programa de contra-insurgência da OTAN, a operação Gladio, e a CIA.

15 de maio de 2011 [Espanha]

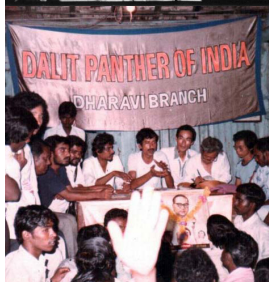
Em 15 de maio de 2011, dezenas de milhares de manifestantes saíram às ruas em toda a Espanha em protesto contra a austeridade, após um apelo nas redes sociais. em Madrid, cerca de 50 mil manifestantes marcharam e houve confrontos com a polícia e destruição de montras de lojas. naquela noite, 100 manifestantes iniciaram um acampamento na Puerta del Sol e decidiram permanecer lá até as eleições da semana seguinte. a polícia tentou acabar com a ocupação em 17 de maio, o que levou a ocupações em praças públicas de mais 30 cidades. os manifestantes ficaram conhecidos como los indignados ("os indignados") ou movimento dos 15m. Os protestos ocorreram continuamente até agosto, embora os protestos generalizados tenham diminuído gradualmente e, em vez disso, muitas pessoas se envolveram em campanhas mais localizadas contra aspectos específicos das medidas de austeridade que estavam a ser introduzidas pelo governo após a crise financeira de 2007.

17 de maio de 1972 [Inglaterra]

Em 17 de maio de 1972, 10.000 crianças em idade escolar no Reino Unido entraram em greve em protesto contra os castigos corporais: especialmente o uso da bengala. Quando tentaram ocupar Trafalgar Square, a polícia avançou e dispersou os jovens e começou a prender os organizadores. Em dois anos, as escolas primárias estaduais de Londres proibiram os castigos corporais. Foi proibido em todas as outras escolas estaduais em 1986.

29 de maio de 1972 [Mumbai, Índia]

Em 29 de maio de 1972, os Dalit Panthers foram formados em Mumbai, na Índia. Inspirados nos Panteras Negras dos EUA, os Panteras Dalit foram formados para combater a discriminação de castas. Dalit refere-se a membros de castas inferiores na Índia (às vezes chamados de "intocáveis"). Os Panteras Dalit defenderam a abolição do sistema de castas e também da sociedade de classes. A organização também defendeu os direitos das mulheres, círculos de estudo para mulheres sobre saúde e interveio para apoiar mulheres Dalit que sofriam abusos e agressões.



Joventut de fuòc - Juventude do Fogo

Esta canção foi escrita em comemoração à primeira Conferência Mundial da Juventude em Paris.
Letras originais escritas em occitano e francês

*Parava que lo batement
d'ala d'un parpalhon al
Curdistan
Pertot a l'entorn provò-
ca una tornada als vents
violent*

1. Jeunesse naît d'un monde
noir
À qui on a volé l'histoire
Qui refuse de s'incliner
Qui recherche la vérité

Sous le grand dôme étoil
Tant de langages ont réson-
né
Comme tant de visions du
monde
Nos racines sont profondes

Nous sommes les enfants
du chaos
Qu'on a cherché à diviser
En portant haut nos cou-
leurs
Nous construisons l'unit

2. Jeunesse en avant ouvre
la voie
Contre le capital et le pa-
triarcat
Les peuples révolution-
naires
Tissent l'autonomie popu-
laire

Celles qui avant nous ont
lutté
Toujours sont à nos côté
Amis, si l'un de nous tombe
Soyons mille à sortir de
l'ombre

Au Myanmar, au Rojava, au
Chiapas
Decimos : ni una menos
D'Abya Yalla jusqu'en Asie
Jin jiyen azadî!

3. Nous n'sommes plus seuls
mais des milliers
Force de vie et de liberté
Nous ferons plier les bour-
reaux
Nous ferons trembler les États

S'il faut prendre les armes
Nous joindrons le combat
S'il faut chanter, ensemble
Nous ferons résonner nos
voix

Fini le temps du désespoir
Plus que jamais nous devons
croire
La révolution adviendra
Il n'y a pas d'autre choix

R. Jeunesse de feu
Jeunesse d'espérance
De tous les continents
Nous suivons la même voie
Jeunesse de feu
Jeunesse d'espérance
C'est en unissant nos forces
Que nous écrivons l'histoire

Tradução em português:

*Parece que o bater de
asas de uma borboleta no
Curdistão
Em todos os lugares causar
um tornado com ventos
fortes*

1. A juventude nasce de
um mundo negro
De quem foi a história
roubada?
Quem se recusa a se cur-
var
Quem busca a verdade
Sob a grande cúpula estre-
lada
Tantas línguas ressoavam
Como tantas cosmovisões
Nossas raízes são profun-
das
Nós somos os filhos do
caos
Que tentamos dividir
Voando alto com nossas
cores
Nós construímos a uni-
dade

2. Jovens em movimento
lidera o caminho
Contra o capital e o pa-
triarcado
Povos revolucionários
Tecer autonomia popular
Aqueles que lutaram antes
de nós
Sempre ao nosso lado
Amigos, se um de nós cair
Sejamos mil para emergir
das sombras

Em Mianmar, Rojava,
Chiapas
Décimos: ni una menos
De Abya Yalla à Ásia
Jin jiyen azadî!

3. Não estamos mais sozin-
hos, mas milhares
Força de vida e liberdade
Faremos os algozes se cur-
varem
Faremos os Estados treme-
rem
Se devemos pegar em armas
Nós nos juntaremos à luta
Se devemos cantar, juntos
Faremos nossas vozes res-
soarem
Longe vão os dias de deses-
pero
Mais do que nunca deve-
mos acreditar
A revolução virá
Não há outra escolha

R. Juventude do Fogo
Juventude da esperança
De todos os continentes
Estamos seguindo o mesmo
caminho
Juventude do Fogo
Juventude da esperança
É unindo forças
Que escrevemos história

QUEM SOMOS?

Lêgerîn é uma plataforma de media mundial construída por e para a juventude revolucionária internacionalista. A sua linha ideológica está ligada ao paradigma da Modernidade Democrática desenvolvido por Abdullah Öcalan, proveniente da revolução em curso no Curdistão. A Modernidade Democrática é uma terceira via, contra o capitalismo neoliberal e o fascismo que se alimentam mutuamente e atacam toda a humanidade através das guerras imperialistas, da exploração e da destruição da vida e dos valores da sociedade. A Modernidade capitalista é global e organizada, por isso a nossa luta também o deve ser!



«Lêgerîn» é a palavra curda para «procurar», em que a «procura» se refere ao processo constante dos revolucionários que procuram um caminho para a liberdade colectiva. Este nome foi também escolhido para lembrar

Lêgerîn Ciya (Alina Sanchez) da Argentina, que era uma médica internacionalista e combatente das YPJ (Unidades de Proteção das Mulheres), que foi martirizada em Hassake em março de 2018. A Lêgerîn foi fundada em julho de 2020 e, desde então, publicou 11 revistas, criou um site e está a desenvolver as suas redes sociais no Instagram e no Twitter. A fim de tornar o seu discurso acessível para além das fronteiras dos Estados-nação, a revista e as suas formas digitais estão disponíveis em várias línguas.

COMO NOS APOIAR?

Lêgerîn é construída em conjunto com a participação de centenas de pessoas que partilham o seu conhecimento, esforço e recursos, que fazem parte de alguma das nossas áreas de trabalho voluntariamente ou que participam ativamente na rede de produção e distribuição dos nossos materiais. Até agora, Lêgerîn tem sido conhecida como uma revista, mas agora, sob esta mesma identidade, estamos a desenvolver novos projectos e meios audiovisuais.

Sem o esforço e a organização colectiva do trabalho, Lêgerîn não poderia existir. Especialmente para esta fase atual de criação de novos projectos e para tornar mais eficaz a gestão da própria revista, procuramos atualmente pessoas que possam desempenhar as seguintes funções :

Trabalho interno:

- Equipa editorial!
- Tradução / Revisão de textos.
- Utilização de software como: Photoshop, InDesign, After Effects, Premiere Pro, etc.
- Gestão em redes sociais como Twitter e Instagram e web design
- Poemas, pinturas, escrita de ficção, pesquisa, produção de vídeos

Apoio financeiro e parcerias:

Com a tua contribuição financeira, podes ajudar-nos a desenvolver mais material ideológico e de maior qualidade:

- podes fazer um donativo específico com o montante à tua escolha, ou doar todos os meses de forma automática, subscrevendo o nosso Patreon.
- se tiveres meios de produção gráfica, ferramentas audiovisuais e digitais, ou qualquer outra ajuda material que possas partilhar connosco gratuitamente ou a baixo custo, contacta-nos!

Organiza a distribuição local!

Independentemente da tua localização no mundo, podes participar na difusão da revista e de outros materiais e na divulgação da perspectiva ideológica do paradigma da modernidade democrática e do programa político do confederalismo democrático. Para isso, podem organizar-se nos vossos territórios para:

- Distribuir fisicamente ou digitalmente a revista.
- Criar grupos de leitura e de discussão.
- Organizar seminários e apresentações presenciais ou online em que um membro da nossa equipa editorial possa participar.



revistalegerin.com
patreon.com/legerin
legerinkovar@protonmail.com

Se você está pronto para participar na difusão do novo internacionalismo juvenil, entre em contato conosco!

"Eles nos entregaram uma tocha
que não pode ser apagada"



Ş. Bişeng
Brûsk

Ş. Sara
Hogir
Riha



**Seremos nós que escreveremos a
continuação da história**



Lêgerin

A revista da juventude internacionalista